

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

JAMILE DE OLIVEIRA BARBOSA

**O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA NO 1º
ANO DA ESCOLA MONS. MARINHO A PARTIR DA
INSERÇÃO DO PROGRAMA ALFA E BETO**

**São Cristóvão
2013**

JAMILE DE OLIVEIRA BARBOSA

**A CONCEPÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO
PROGRAMA ALFA E BETO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação da Universidade Federal de Sergipe como requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus

São Cristóvão
2013

JAMILE DE OLIVEIRA BARBOSA

**A CONCEPÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO
PROGRAMA ALFA E BETO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe como
requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus
Orientadora

Prof.^a Ana Azevedo (UFS)
Examinadora

Prof.^a Lianna de Melo Torres (UFS)
Examinadora

Dedico este trabalho a Deus. Aos meus familiares, pelo amor e carinho que me impulsionaram a buscar algo novo a cada dia, a quem agradeço por acreditarem em mim e torcerem para que eu chegasse até aqui. A todos os docentes que almejam e podem fazer o diferencial na arte de ensinar e aprender. Enfim, a todos àqueles que colaboraram para o meu crescimento, pois me ocasionaram aprendizagens, transformações e extraordinárias experiências que contribuíram para a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que nunca me abandonou mesmo nos momentos mais difíceis, sendo meu amparo e refúgio.

À minha família, que, com muito carinho, sempre me apoiou e ensinou a importância da persistência na realização dos sonhos.

A todos os professores da Universidade Federal de Sergipe que contribuíram como meu aprendizado, em especial, à minha orientadora, Prof.^a Sônia Meire, que, com sua doçura e paciência na orientação e incentivo, tornou possíveis a execução e conclusão desta monografia.

Aos meus queridos amigos da Universidade e fora dela, que, de alguma forma, colaboraram com incentivo e apoio constantes na elaboração desse trabalho.

Aos meus companheiros de trabalho da Escola Monsenhor Marinho que contribuíram bastante nas coletas de dados.

Muito obrigada a todos que, de alguma maneira, me deram força e me ajudaram a realizar esta monografia.

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade analisar a Proposta Pedagógica do Programa Alfa e Beto nas suas aplicações no primeiro ano do ensino fundamental da Escola Estadual Monsenhor Marinho do município de Lagarto. O referido programa tem por objetivo habilitar alunos defasados a superar o atraso escolar e contribuir para a correção do fluxo escolar nas redes de ensino. A análise se constitui a partir do estudo da metodologia aplicada no processo de alfabetização e processo da leitura e da escrita destes alunos. A investigação toma como referência as entrevistas realizadas com duas professoras, que atuaram neste programa de alfabetização. Também se obteve a análise das atividades de leitura e escrita realizadas pelos estudantes do primeiro ano de 2012 e de documentos oficiais. Trabalhou-se com os dados de provas executadas pelo Programa e os indicadores educacionais. A partir do estudo em questão, foi identificado o programa de alfabetização na prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: método; prática docente; programa de alfabetização; processo de leitura e escrita.

ABSTRACT

This study aims to analyze the Pedagogical Program named Alfa e Beto in its applications in the first grade of elementary school of Monsenhor Marinho State School, in the municipality of Lagarto. This program aims to enable students to overcome school late and contribute to the correction of student flow in public education. The analysis is based on the study of the methodology applied in the literacy and reading and writing processes of these students. The research takes as reference interviews with two teachers, who acted in this literacy program. It was also obtained from the analysis of reading and writing activities performed by the students of the first grade, 2012, and official documents. It was worked with data from tests performed by the Program and educational indicators. From the study in question, it was identified literacy program in teaching practice.

KEYWORDS: method; teaching practice; literacy program; process of reading and writing.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Texto do livro do Alfa e Beto	26
FIGURA 2: Questão 2 da 4ª avaliação do 1º ano sobre decodificação	40
FIGURA 3: Minilivro “o circo” utilizado na 4ª avaliação	41
FIGURA 4: Quarta questão da 4ª avaliação sobre a escrita	44
FIGURA 5: História em quadrinhos: Pedrinho e Chiquita: O dia das mães	46
FIGURA 6: Atividade de escrita da aluna Andrielli	47
FIGURA 7: Atividade de escrita do aluno Edclan	48
FIGURA 8: Atividade de escrita da aluna Érica	49
FIGURA 9: Atividade e escrita do aluno Felipe	50

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: População em idade escolar	16
GRÁFICO 2: Alunos matriculados em 2008 e 2011 na creche e pré-escola	16
GRÁFICO 3: Índice de aprovação, reprovação, distorção idade/série e abandono de Sergipe e Lagarto.....	18
GRÁFICO 4: Índice de aprovação, reprovação, distorção idade-série e evasão da Escola Monsenhor Marinho.....	19
GRÁFICO 5: Resultado do SAEB 2007 e 2011.....	20
GRÁFICO 6: Resultado do IDEB das escolas de Lagarto que possuem o Programa Alfa e Beto.....	21
GRÁFICO 7: Resultado da prova do dia 27/07/2012 da turma do 1º ano.....	37
GRÁFICO 8: Resultado da segunda avaliação do 1º ano.....	38
GRÁFICO 9: Resultado da última avaliação do 1º ano.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM SERGIPE E EM LAGARTO.....	13
1.1 Os Indicadores Educacionais de Sergipe.....	15
CAPÍTULO II - QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	23
CAPÍTULO III - A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR MARINHO	36
3.1 Análise da Escrita.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE.....	67
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

A questão de pesquisa desenvolvida neste relatório é de grande interesse para a formação desta autora e para os educadores da rede básica de ensino. O primeiro interesse da pesquisa surgiu de observações por trabalhar em uma escola que adota o programa Alfa e Beto e que, a partir disto, começou a se questionar algumas regras adotadas pelo programa, como a falta de autonomia do professor para elaborar suas aulas e avaliações, bem como o método metafônico referenciado nas cartilhas.

Têm-se identificado muitas críticas de estudiosos como FERREIRO (2001), SOARES (1999), MACEDO (1985), entre outros, quando se trata de alfabetizar por meios de cartilhas. Estas críticas podem ser aproximadas para se analisar o Programa Alfa e Beto. O programa adota cartilha e minilivros, este último contém palavras de duplo sentido como a palavra “chaninha” que causou muita polêmica no Rio de Janeiro, fazendo com que o sindicato dos professores desta cidade acionasse o presidente do IAB (Instituto Alfa e Beto) João Batista Oliveira para reclamar da utilização de termos chulos na alfabetização (Reportagem do RJTV 2ª edição). Outra crítica tem sido feita ao método de repetição utilizado nos materiais de leitura do Programa Alfa e Beto. Mesmo com tantas críticas, a Secretaria Estadual de Educação de Sergipe adotou o Programa de alfabetização “Alfa e Beto”, destinado a reorganizar o fluxo escolar das escolas públicas estaduais. Mais tarde, foi disseminada para as séries reguladoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir dos interesses de diminuição dos altos índices educacionais de defasagem idade-série. A justificativa era a de que os estudantes não avançavam porque os professores não possuíam um método de ensino.

O método utilizado pelo Programa Alfa e Beto para alfabetizar essas crianças é o metafônico que possui duas características centrais: o ensino das relações entre sons e letras e a metacognição.

Segundo Oliveira (2008), formulador do programa, a criança deve aprender os sons das letras, codificá-las para, depois, aprender a ler e escrever, ou seja, é aplicado o ensino tradicional, em que o educador ensina cada letra de uma palavra e seus respectivos sons. Para ele, o aluno que aprende pelo método fônico tem maior facilidade de identificar as palavras, o que amplia a sua capacidade de compreender o que lê.

A experiência profissional desta autora, a partir de observações empíricas, mostra que, mesmo com o método, a defasagem idade-série não foi alterada em Sergipe, os dados

estatísticos mostram que Sergipe possui um indicador de 30,7% em 2009 e aumentou esse número para 30,9% em 2010.

Há 29 anos, esta autora foi alfabetizada através do método tradicional, com o auxílio de cartilhas e livros de caligrafia que serviam para melhorar a escrita; tem trauma até hoje deste livro, ele fazia parte do seu dia-a-dia e acha que, por não ter apreço por ele, não consegue melhorar sua letra. Aprendeu a ler e escrever pela formação de famílias silábicas, cópias, porém, de forma mecanizada. Ainda hoje, depois de muita discussão sobre a alfabetização e o letramento, as escolas ainda utilizam este método para ensinar seus alunos a ler, escrever e contar.

Diante da problemática da utilização do método no processo de aprendizagem da leitura e da escrita por meio do Programa Alfa e Beto, fica-se a questionar qual será o método mais eficiente para alfabetizar os alunos dos primeiros anos do ensino fundamental, qual levará o aluno a chegar ao nível superior de aprendizagem sabendo ler e escrever corretamente? Qual deles seria mais indicado para criar alunos capazes de construir seu próprio conhecimento, ser participante e crítico na sociedade? Será que a metodologia aplicada para alfabetizar os alunos do Programa Alfa e Beto facilita o processo de aprendizagem? Será um método responsável pela aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais? O que demonstram os indicadores?

Essas questões orientaram o desenvolvimento da pesquisa a partir da seguinte hipótese, não é um método de alfabetização que irá solucionar o problema da aprendizagem da leitura e da escrita, porém, os professores necessitam dominar um método de ensino que recupere a função social de escrita para que os estudantes desenvolvam suas funções superiores cognitivas.

Para responder às questões de pesquisa, orientou-se pelo interesse em analisar a Proposta Pedagógica do Programa Alfa e Beto nas suas aplicações no ensino fundamental na Escola Estadual Monsenhor Marinho, localizada no município da cidade de Lagarto. Para tanto, pretende-se:

- Discutir a metodologia aplicada para alfabetizar os alunos do 1º ano do ensino fundamental do programa Alfa e Beto.
- Analisar os resultados do programa a partir dos indicadores educacionais.
- Analisar o desenvolvimento do processo da escrita e a leitura por parte dos estudantes a partir do seu contato com o Programa.

A pesquisa foi desenvolvida tomando como referência a concepção de pesquisa qualitativa.

O trabalho de campo foi realizado através de entrevistas com duas professoras que atuaram no Programa Alfa e Beto, promovendo contato com a situação concreta do ambiente, na fundamentação teórica e, principalmente, na análise do material didático destinado ao professor e aluno.

Realizou-se a pesquisa bibliográfica para estudar sobre as questões explicitadas pelo uso de métodos de alfabetização.

CAPÍTULO I

CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM SERGIPE E EM LAGARTO

O programa de alfabetização “Alfa e Beto”, criado em 2006, é produzido por um Instituto - organização não governamental sem fins econômicos¹; “destina-se à alfabetização de crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental, podendo, também, ser usado com êxito para alfabetização de crianças defasadas” (p.8). Ele vem sendo executado em redes estaduais e municipais de ensino em todo o país e tem o intuito de “corrigir o fluxo escolar e a defasagem idade-série no ensino fundamental” (p.8).

O Alfa e Beto é um programa que foi implantado em Sergipe, em 2006, em 103 turmas e, no ano de 2007, passou para 176 turmas, já na cidade de Lagarto, iniciou-se em 2009 em 4 turmas, sendo 2 na Escola Estadual Senador Leite Neto e 2 na Escola Estadual Dom Mário Rino Sivieri e, em 2010, em todas as escolas estaduais que tivessem os 1º e 2º anos do ensino fundamental, para resolver as deficiências apresentadas pelos alunos no que diz respeito às condições básicas de alfabetização.

Um artigo publicado no *site* do MEC, em 26 de novembro de 2009, diz que 275,9 mil estudantes de 402 municípios do Brasil seriam atendidas com o programa Alfa e Beto, com a intenção de corrigir o fluxo escolar e a defasagem idade-série no ensino fundamental. Com isso, seriam gastos em torno de R\$ 78 milhões.

Segundo IAB (Instituto Alfa e Beto), o Programa Alfa e Beto da rede estadual de ensino, oferece uma abordagem integrada e sistemática para apoiar o trabalho dos professores, das escolas e dos sistemas de ensino na área da alfabetização de crianças no Ensino Fundamental. Este programa, segundo o instituto, “apresenta visão sistêmica, integrada e consistente, pela sua estratégia de acompanhamento e pela utilização de material variado e abrangente, suficiente para o apoio do trabalho escolar e docente na área de alfabetização”. A equipe do programa é formada por: supervisores, coordenadores, professores, alunos e gestores.

O programa baseia-se no método fônico e na teoria cognitiva da leitura, segundo a qual, para aprender a ler e escrever, é preciso dominar o princípio alfabético e decodificar palavras. Além disso, ele dispõe de instrumentos de monitoramento do trabalho do professor e

¹ Apesar de não ter fins lucrativos, o Programa é vendido para os Estados e Municípios.

da avaliação do aluno. Em todas as escolas que se adota o programa, existem supervisores que fazem o monitoramento das aulas regularmente, depois da observação, as supervisoras fazem um relatório do desempenho do professor, logo após, o auxilia na sua prática docente, quando necessário.

Os conteúdos contidos no livro didático são: a decodificação, fluência, consciência fonêmica, consciência fonológica, metalinguagem, princípio alfabético, familiaridade com os livros, nível contextual, semântico, sintático, morfológico e ortografias.

O Programa Alfa e Beto disponibiliza os seguintes materiais: livro gigante de leitura com bastantes ilustrações; fantoches do Alfa e do Beto, que são um lápis e um livro que o professor os utiliza de forma lúdica; as cartelas gigantes com as letras do alfabeto que possuem ilustrações correspondentes a cada letra; e o escorrega o dedo, para exercer a leitura de pequenas palavras. Além destes materiais, os professores recebem manual da consciência fonêmica, agenda, coletânea de vários textos, contendo contos, fábulas, entre outros, vídeos e minilivros.

Para os estudantes, o programa disponibiliza os livros didáticos de Português, Matemática, Ciências, Letras e forma. Além destes livros, há um saquinho com letras de material em emborrachados, conhecidos como EVA, que os professores utilizam para ensinar o alfabeto e para montar pequenas palavras, que podem ser utilizadas em grupo ou individual e, por fim, os minilivros elaborados para auxiliar no desenvolvimento da leitura.

Os livros didáticos são as principais ferramentas utilizadas pelos professores para aplicar as aulas diariamente. Sendo estes livros divididos por lições que, normalmente, duram cinco a sete dias para serem concluídas. O programa também emprega em suas aulas o ditado de palavras que pode ser ditado letra por letra através do som de cada uma, palavras malucas, que não existem e o ditado de frases para os que já avançaram na escrita.

O professor tem que obedecer a todas as normas estabelecidas pelo programa como: seguir o plano de aula elaborado pela DRE (Diretoria Regional de Ensino), contendo, neste, um texto do livro da coletânea que é abordado durante uma semana, mesmo que o aluno já tenha abstraído o conteúdo proposto, o educador não pode, de hipótese alguma, fazer atividades para casa e os ditados só podem conter cinco palavras, sendo que as ditadas terão que ser retiradas do texto lido. Eles ficam, excessivamente, ligados aos manuais e livros didáticos que determinam cada passo do seu trabalho. Esta prática denota, nesta análise inicial, que há uma perda de autonomia do professor em relação à gestão escolar.

Segundo Cagliari (2009), no processo educativo, é preciso que os professores que atuam nas escolas procurem aprofundar seus conhecimentos teóricos, desenvolvam o hábito

de “refletir sobre o seu trabalho, deixem de serem menos aplicadores de pacotes educacionais e sejam de fato educadores, agentes transformadores e facilitadores da aquisição de conhecimento por parte do educando”. (CAGLIARI, 2009, p.11)

A avaliação é realizada através de provas, sendo estas, elaboradas pelos supervisores do programa e as que são elaboradas pelos professores têm que, antes, passar pela coordenadora, que irá avaliá-las para serem aplicadas.

Mensalmente, os professores participam de uma capacitação em que a coordenadora irá orientá-los de como dar aula, até mesmo, como cantar. Isto implica dizer que o professor não tem autonomia, são tratados como profissionais sem formação e incapazes de elaborar seu próprio plano de aula. Em outras propostas pedagógicas, as provas e as atividades deveriam ser elaboradas por eles, pois conhecem a realidade de seus alunos, suas dificuldades e suas dúvidas.

O professor é o único profissional capaz de conhecer a realidade de seus alunos e, com isso, elaborar sua metodologia de ensino, pois, através da interação com eles, irá descobrir o conteúdo que eles querem e como querem aprender, havendo, assim, o interesse mútuo em desenvolver suas habilidades cognitivas e conseguindo, de fato, desenvolver neles o sistema da escrita e da leitura.

Segundo Lima (2010), se o professor puder gerir com liberdade o currículo, terá motivação de considerar alternativas para o processo de ensino-aprendizagem de grupos específicos de alunos, o que contribuirá, certamente, para aumentar o sucesso educativo. No entanto, não parece ser este o caso do trabalho desenvolvido por esse programa.

1.1 Os Indicadores Educacionais de Sergipe

A justificativa dos gestores em adotar o Programa “Alfa e Beto” está nos altos índices de defasagem idade-série. Segundo dados do IBGE (2007 e 2010), a população em idade escolar, em Sergipe e na cidade de Lagarto, está expressa no gráfico a seguir.

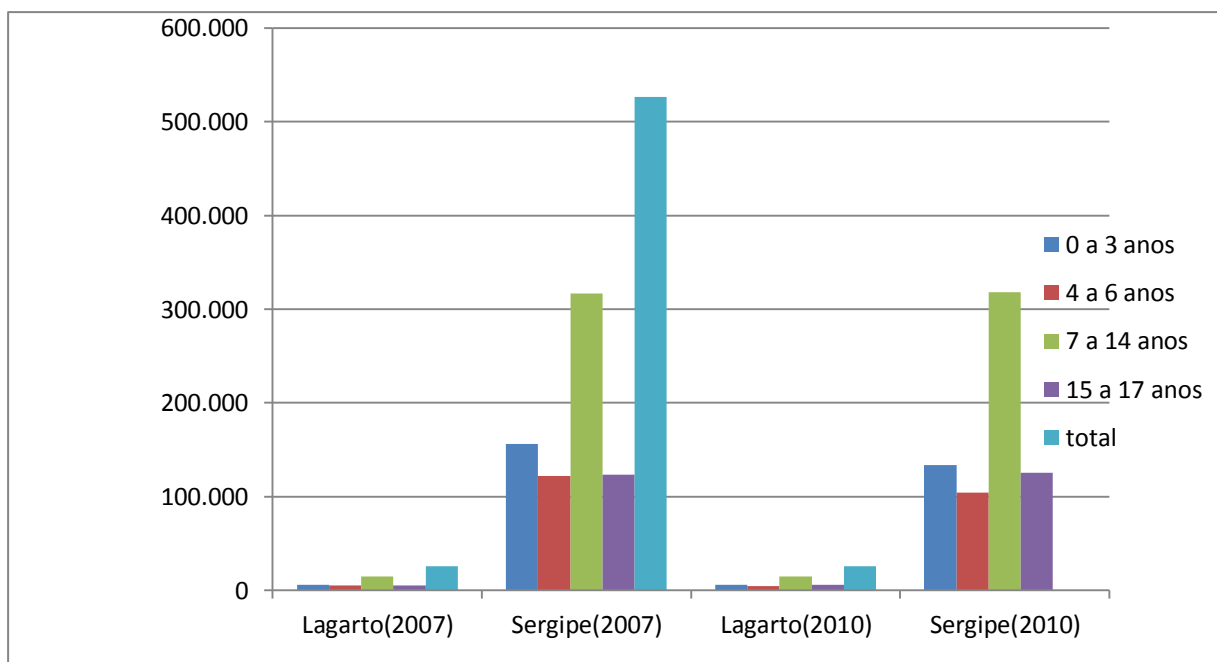


GRÁFICO 1: População em idade escolar.
Fonte: IBGE (2007, 2010).

Desta população, as que foram matriculadas em 2008 e 2011, em Sergipe e em Lagarto, foram:

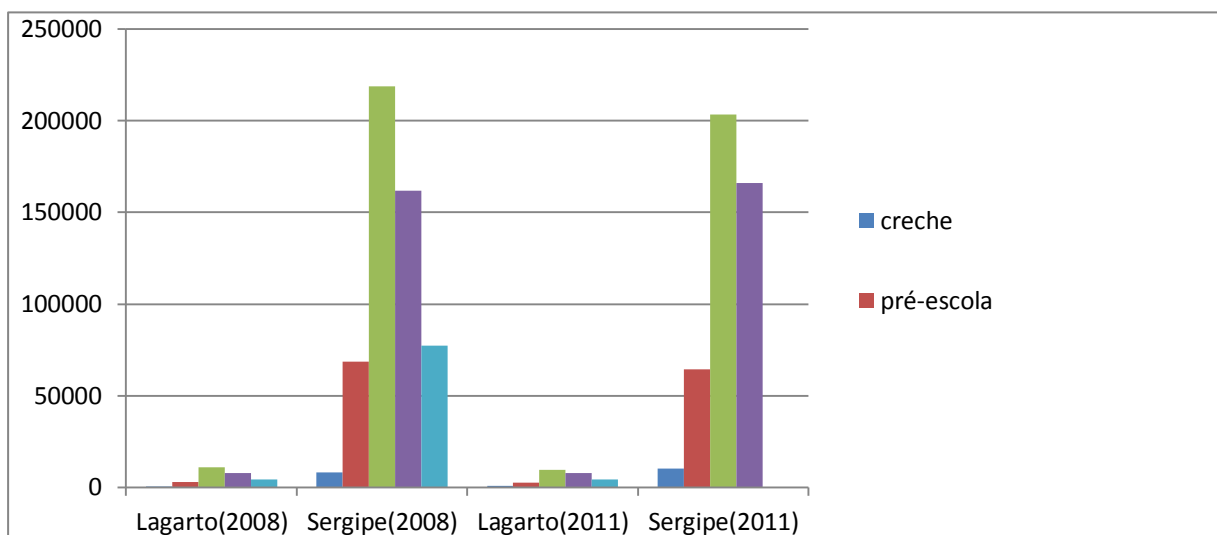


GRÁFICO 2: Alunos matriculados em 2008 e 2011 na creche e pré-escola.
Fonte: MEC/INEP (2010,2011).

Nota-se que houve uma queda de matrícula três anos após, tendo sido matriculados 26.663 alunos em 2008 e, em 2011, 25.299, na cidade de Lagarto, estando 1.364 alunos fora da escola e, em Sergipe, ocorreu a mesma coisa, ficaram 8.819 alunos sem estudar, principalmente, na pré-escola e nos anos iniciais do ensino fundamental.

É um número grande de alunos fora das escolas, apesar de o governo beneficiar os alunos que estão estudando com a bolsa família, ou seja, se não houvesse esse programa, a situação seria mais alarmante.

Outro fator que resulta nesse quadro é a falta de vagas nas escolas, algumas instituições estão em situação de emergência em sua infraestrutura e obrigadas a serem fechadas, diminuindo, assim, o número de escolas disponíveis para atender às necessidades educacionais dos estudantes.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no Art. 4º, encontra-se o seguinte: o dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade; atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Infelizmente, essa lei não é cumprida à risca, existindo muitos alunos fora da escola e os que abandonam por não se sentirem estimulados a frequentar as escolas por falta de transportes, merenda e, um currículo adequado às necessidades dos estudantes.

Se observar os índices de aprovação, reprovação, distorção idade-série e abandono pesquisado em MEC/INEP/DTDIE, nos anos de 2008 e 2010, pode-se analisar o aumento da distorção idade-série em Sergipe e em Lagarto.

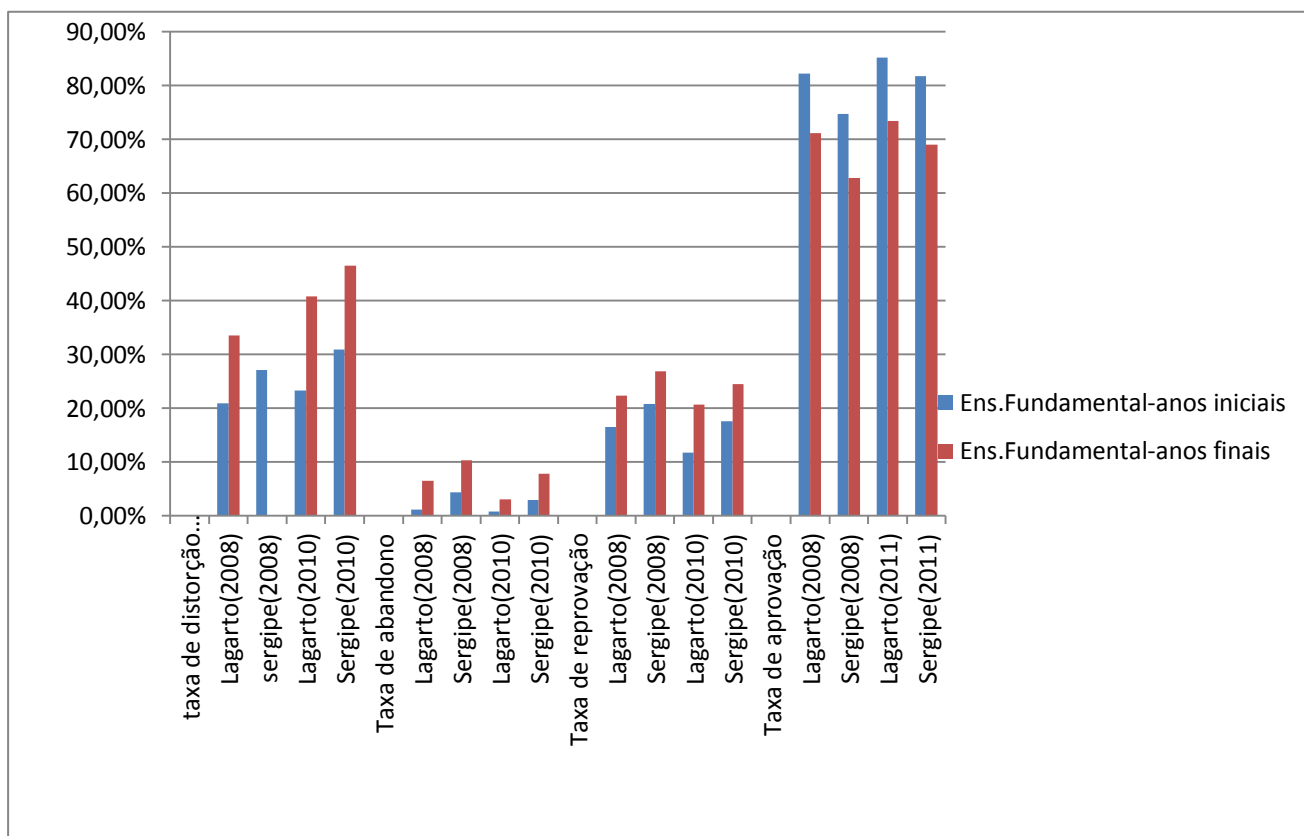


GRÁFICO 3: Índice de aprovação, reprovação, distorção idade/série e abandono de Sergipe e Lagarto.
Fonte: MEC/INEP/DTDIE.

Do ano de 2008 para 2010, ocorreu o aumento da taxa de distorção idade-série tanto na cidade de Lagarto quanto em Sergipe, chegando ao aumento de 2,4% no ensino fundamental das series iniciais e 7,3% no fundamental maior, ocorrendo o mesmo em Sergipe 3,8% nos anos iniciais do fundamental e 9,5% nos anos finais.

Já em relação aos indicadores referentes ao abandono e à reprovação, houve uma queda de 0,4% na taxa de abandono e 1,6% em reprovação nos anos iniciais do ensino fundamental, e nos anos finais do fundamental a taxa foi de 3,4% e 1,6% correspondente às escolas de Lagarto. O mesmo aconteceu em Sergipe, cujo índice foi de 1,5% e 2,5% no abandono escolar e 3,2% e 2,4% em reprovação.

Na Escola Estadual Monsenhor Marinho, onde a pesquisa foi realizada, as taxas dos indicadores educacionais a partir da implantação do Programa “Alfa e Beto”, que iniciou em 2009 e finalizou na mesma em 2012, foram as seguintes:

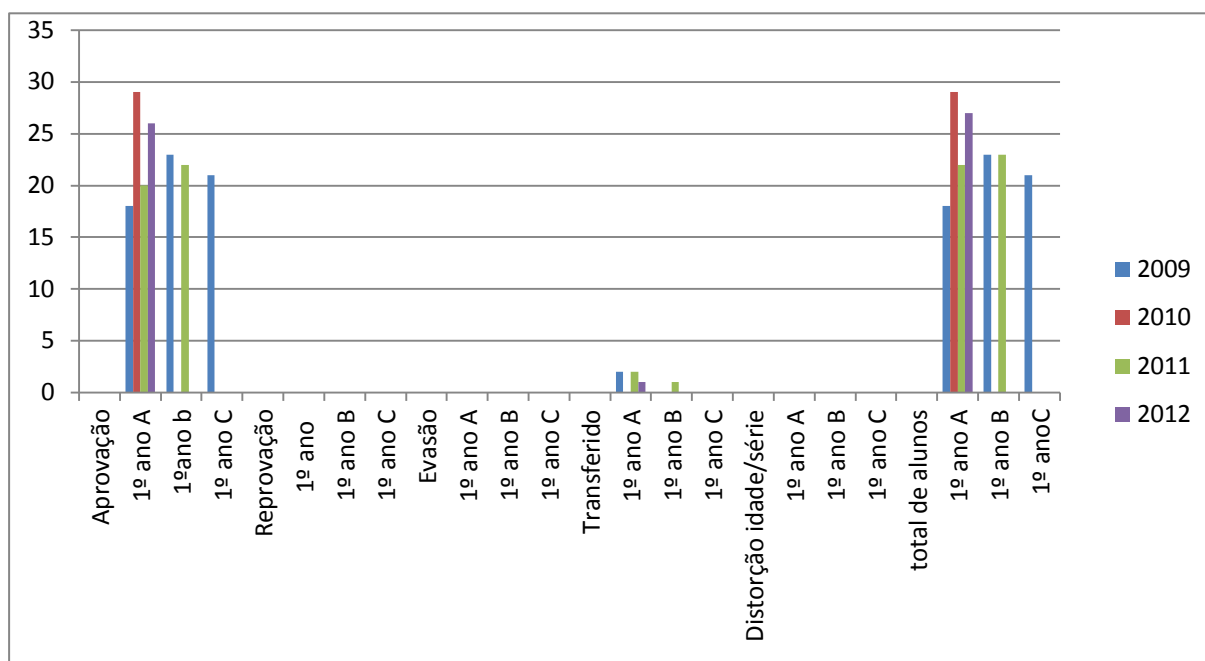


GRÁFICO 4: Índice de aprovação, reprovação, distorção idade-série e evasão da Escola Monsenhor Marinho.
Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se que, ao início do Programa Alfa e Beto nesta escola, a taxa de reprovação, evasão e distorção idade-série no 1º ano do ensino fundamental foi 0%. As transferências foram mínimas e foram realizadas por motivos de mudanças de localização de moradia. Lembrando que os alunos desta modalidade não reprovam, são amparados pela Portaria GS Nº 7.339/2011.

A Secretaria de Estado da Educação, buscando garantir condições para que as crianças tenham um tempo mais longo para as aprendizagens de alfabetização e letramento, objetivando, dessa forma, a melhoria da qualidade do Ensino Fundamental, e em consonância com a Resolução CNE/CEB Nº. 07 de 14/12/2010, implantou, a partir de janeiro de 2012, do Bloco de Alfabetização e Letramento, instituídos através da Portaria GS Nº 7.339/2011, no âmbito da Rede Pública Estadual de Ensino que tem como alguns objetivos: assegurar a continuidade do processo de aprendizagem dos alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental; romper com a cultura de reprovação nos 3 (três) primeiros anos do Ensino Fundamental; garantir que toda criança esteja alfabetizada entre os seis e os oito anos de idade; melhorar os indicadores do IDEB da Rede Pública Estadual de Ensino; atender às disposições da Resolução CNE/CEB Nº. 07, 14/12/2010, que fixa as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental, entre outros.

Isso que dizer que os professores terão que criar métodos para alfabetizar seus alunos no período do 1º ao 3º ano, buscando em cada fase suas dificuldades de aprendizagem, para que, juntos, busquem soluções para a aprendizagem da leitura, escrita e contagem.

Este Bloco de Alfabetização e Letramento é coordenado e monitorado pelo Departamento de Educação em articulação com as Diretorias de Educação e o Departamento de Inspeção Escolar, devendo ser aplicado nas escolas estaduais da Rede Pública que regulamentam o Bloco de Alfabetização e Letramento.

A partir dessa política do Bloco, analisam-se, comparativamente, as notas do SAEB² e do IDEB³ da cidade de Lagarto e do estado de Sergipe em 2007 e 2011. A escola Monsenhor Marinho no período da pesquisa não participava do SAEB e nem do IDEB, porque não continham em seu quadro de alunos turmas do 5º ano do ensino fundamental. A partir de 2013 foi incluída a primeira turma do 5º ano.

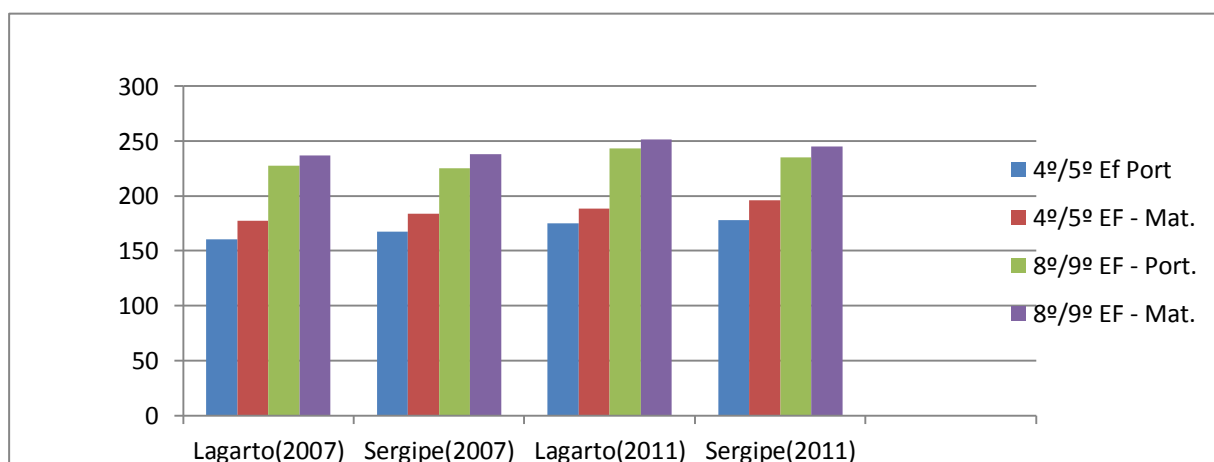


GRÁFICO 5: Resultado do SAEB 2007 e 2011.

Fonte: MEC/INEP.

Houve um aumento na taxa em Sergipe e em Lagarto quanto às disciplinas de português e matemática. Após quatro anos, houve um aumento significativo de 14,2% em português e 11,2% em matemática nos anos iniciais do ensino fundamental e, em Sergipe, essa taxa foi 11% em português e 12% em matemática.

² O que é o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), aplicado de dois em dois anos, que avalia uma amostra de alunos matriculados nas 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas e particulares, rurais e urbanas. As provas são constituídas por testes de matemática e de português, e os estudantes recebem notas que vão de 0 a 10 e são aplicadas de 2 em 2 anos.

³ O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), Ele é calculado com base na taxa de rendimento escolar (aprovação e evasão) e no desempenho dos alunos no SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e na Prova Brasil. Seu índice permite um mapeamento da educação brasileira, com dados por escolas, municípios e estados, além de identificar quais unidades carecem de investimentos.

Já nos anos finais do ensino fundamental, foram de 15,9% em português e 14,3% em matemática nas escolas de Lagarto e, em Sergipe, 10,1% em português e 6,9% em matemática. Apesar de não ser uma tarefa fácil aprender a língua portuguesa, sobressaiu a disciplina de português nas instituições de ensino das duas realidades mencionadas.

Em sete escolas estaduais de Lagarto que possuem o programa Alfa e Beto e participam do IDEB, ou seja, possuem o 5º ano do ensino fundamental, em 2009, apenas quatro cobriram a meta estabelecida pelo MEC e, em 2011, cinco ultrapassaram o percentual, sendo a Escola Estadual Nossa Senhora da Piedade a que se destacou.

Apesar de apresentar algumas falhas, houve escolas do município de Lagarto que alcançaram a média do IDEB em 2011. Uma delas foi a Escola Estadual Nossa Senhora da Piedade que conquistou o 1º lugar no IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental da rede estadual de Sergipe e o 3º lugar no Prêmio Nacional de Gestão Escolar. A escola alcançou a média de 5,6 (4ª série/5º ano) em 2011, ultrapassando a meta bienal projetada pelo MEC para o Brasil, que foi de 4,6. Outra escola que atingiu uma boa média nos anos iniciais do ensino fundamental foi o Colégio Estadual Sílvio Romero, que obteve a média de 5,2, conforme se observa no gráfico abaixo.

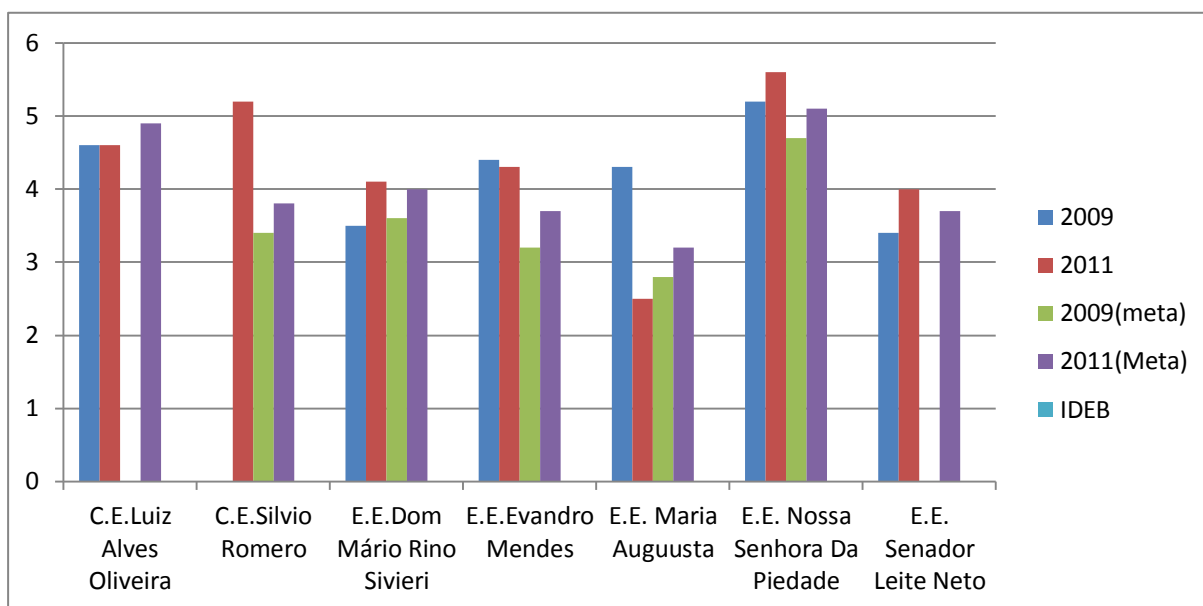


GRÁFICO 6: Resultado do IDEB das escolas de Lagarto que possuem o Programa Alfa e Beto.
Fonte: MEC.

O Programa Alfa e Beto nas escolas estaduais de Sergipe foram finalizados no ano de 2012, pelo Governo Estadual para dar início ao um novo programa proposto pelo Governo Federal, “O Pacto Nacional a Alfabetização na Idade Certa”.

No entanto, mesmo com esses indicadores crescentes, questiona-se: até que ponto esses estudantes aprovados têm domínio de leitura e de escrita? Para responder a esta pergunta, é necessário uma pesquisa mais ampliada e aprofundada sobre a qualidade da aprovação seguida nos anos iniciais.

CAPÍTULO II

QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Em todo o processo de leitura e escrita, houve e ainda há uma variedade de métodos alternativos de ensino para alfabetizar alunos nos anos iniciais. A abordagem da leitura e escrita é um tema que merece reflexão diante das condições educacionais que se apresentam no Brasil e em Sergipe, visto que, até então, as aulas se pautavam em materiais didáticos que centralizavam o ensino de língua nas regras e da norma culta.

Os métodos de iniciação da leitura e escrita são: o método sintético, que leva o aluno a combinar os elementos isolados da língua: sons, letras e sílabas; e analítico, que trata de métodos que levam o aluno a analisar o todo (palavra) para se chegar às partes que a compõem.

O método sintético está subdividido em alfabético ou soletrativo, fonético e silábico. Alfabético, o aluno aprende a sequência do alfabeto e para combinar as letras entre si para formar sílabas e palavras; já o fonético, aprende, inicialmente, os sons das letras isoladas e depois reúne em sílabas que formarão as palavras; o silábico, o aluno aprende, inicialmente, as sílabas, a combinação entre elas e chega à palavra.

Esses métodos fundamentam em regras de correlações letra-som, mas são apropriados apenas para realização de leitura de palavras regulares e inventadas, porém, dificultam a leitura de palavras irregulares e homônimas. Nota-se que o programa Alfa e Beto utiliza em sua metodologia o método sintético (das partes para o todo) de soletração, fonético e silábico, sendo estes conhecidos como métodos das cartilhas.

Já o método analítico subdivide-se em: palavração, sentencição e contos e historietas. No método de palavração, a palavra é apresentada ao aluno, quase sempre seguida de uma imagem, entretanto, a atenção é conduzida aos detalhes da palavra como sílabas, letras e sons. E estes, depois agrupados, auxiliam o aluno a enfrentar palavras novas com autonomia de leitura. A sentencição, o aluno parte de uma frase que a turma está debatendo, visualiza e memoriza as palavras que compõem esta sentença, a seguir, analisa as sílabas que formam cada palavra para formar novas palavras. E, por fim, contos e historietas são uma ampliação do método de sentencição, o aluno parte de pequenas histórias, letras de músicas, para se chegar às palavras, sílabas e, com estas sílabas, formar novas palavras.

Um recurso utilizado durante muitos anos na prática de alfabetização é o método da cartilha, que é agrupada ao processo de ensino da leitura e escrita, sendo, muitas das vezes, o único material para realização desse procedimento. Tasca (1986) atribui a dificuldade de desempenho linguístico das crianças à artificialidade da linguagem das cartilhas.

Por acreditarem que o sistema da escrita depende do sistema oral e aprende-se a ler transformando o signo escrito em signo oral, para depois se chegar à compreensão textual, as cartilhas são compostas por textos sem sentidos, sem coesão, repetitivos.

A relação entre a oralidade e a escrita é o ponto inicial em que o aluno vai aprender a escrever, mas é necessário considerar o variante linguístico presente nas regiões e lugares e não aceitar a relação letra e som como um prestígio para qualquer falante da língua, porque tendo vários dialetos, o ensino da escrita pelo método fônico será um equívoco.

Como se dar o processo da leitura e da escrita nas escolas, segundo alguns autores, como Magda Soares (1998), Ferreiro (1996), Almeida (2010), Souza (2013), Macêdo (1985), contribuíram para analisar os estudos de outros elementos construtivos do processo de leitura e escrita nos anos iniciais.

Durante muito tempo, a leitura foi usada nas aulas de português, como uma ferramenta para saber se o aluno sabe ler com fluência, após ensiná-los à junção das letras, e da família silábica, e não para formar cidadãos leitores capazes de interpretar os textos, e que se encantassem com os livros infantis, tornando-se leitores assíduos da literatura. Entretanto, o uso da leitura, segundo Almeida (2011), ao ser utilizado como pretexto para o ensino gramatical, reduz as possibilidades de construção e compreensão dos sentidos do texto lido e/ou produzido pelo educando.

As primeiras teorias relacionadas à leitura dizem que a leitura acontece através de uma metodologia visual, enfim, sucessivamente, o aluno começa adquirir conhecimento sobre as relações letra-som e, por fim, a estrutura ortográfica da língua é internalizada. Sendo assim, a leitura inicia-se das táticas logográficas, grafofônicas e ortográficas e a escrita, o início da estratégia alfabética.

Perfetti e Roth (1981) defendem a ideia de que, ao ler, os alunos contam tanto com a informação semântica como a derivada de decodificação. A informação contextual combina com as informações visual, fonológica e ortográfica, que se tornam disponíveis através da análise da grafia. Esses autores enxergam a decodificação como processo central na leitura, sendo este, um método de leitura de cima para baixo.

Aprender a ler de forma mecânica, sem compreender, é uma calamidade que acontece nas escolas diariamente, que adotam programas de alfabetização prontos do governo. Estudar

letras soltas, sílabas isoladas, ler textos sem sentidos e copiá-los, faz com que o educando se desinteresse pela sua alfabetização. Alguns conteúdos só são apreendidos para atender às exigências curriculares e do sistema educacional e não para atender às necessidades básicas dos alunos quanto ao fator do desempenho de sua aprendizagem.

O aluno educado, segundo Geraldi (1991), acostumado desde as primeiras ocupações sérias da vida, a salmodiar, na escola, enunciados que não percebe, a repetir, passivamente, juízos alheios, a apreciar, numa linguagem que não entende assuntos estranhos.

[...] a sua observação pessoal; educado, em suma, na prática incessante de copiar, conservar e combinar palavras, com absoluto desprezo do seu sentido, inteira ignorância da sua origem, total indiferença aos seus fundamentos reais, o cidadão encarna em si uma segunda natureza, assinalada por hábitos de impostura, de cegueira, de superficialidade (GERALDI, 1991, p.120).

Segundo Macedo (1985), ele imita os textos das cartilhas, não escreve o que sabe de linguagem, mas aquilo que ficou marcado nele como sendo a característica mais forte da linguagem escrita.

As consequências desses métodos são um atraso para o aluno, pois, não contendo uma relação direta com a linguagem discursiva, o aluno tem restringidas as descobertas funcionais da escrita a partir das normas próprias desse sistema. A limitação imposta por esses procedimentos metodológicos impossibilita o aluno a compreender a linguagem como um ambiente de interação social, de grandes leituras e troca de experiências.

Uma das críticas aos métodos tradicionais, como o “Alfa e Beto”, é o não prestígio do aluno como o sujeito construtor do seu conhecimento, em que uma leitura e a escrita executada com compreensão pelo educando, dá lugar a um processo decorado, copiado e mecânico, são pseudotextos, sem coesão e coerência, contrariando os princípios básicos da linguagem, como se pode constatar nesse exemplo da cartilha três do livro do Programa Alfa e Beto, conforme Figura 1:

Oficina das Letras


14

Copie no caderno:

O mico cola quilos de meleca na cama.
 Macaco vai a escola com sacola.
 Laguir come quiabo com faca e fica fraco.

FIGURA 1: Texto do livro do Alfa e Beto.

Fonte: Livro 3 Todas as letras

Esses exercícios de cópias incessantes farão com que os alunos percam o estímulo em desenvolver a sua aprendizagem e eles verão essa prática como um momento estressante e cansativo. Isso impossibilita que o aluno se aproprie de normas discursivas para a elaboração de um texto verdadeiro, coesivo, falta-lhe informações e coerência. Se os professores derem a oportunidade de esses alunos escreverem textos espontâneos, eles serão capazes de produzi-los com informações e coerência, tendo introdução, desenvolvimento e conclusão.

As produções da leitura e de textos vinculadas ao livro didático não satisfazem o interesse dos alunos, uma vez que os textos tornam-se apenas obrigações. Para contornar esse problema, foi necessário criar motivações para associar à leitura ao processo de produção. O que se preconiza é a busca de perspectivas de um ensino que não seja reconhecimento, mas conhecimento, que não seja de reprodução, mas de produção escolhendo, portanto, estratégias para a produção, que resultam em estratégias interlocutoras.

Com relação a essas práticas tradicionais, Ferreiro (2001) afirma que:

Aprende-se mais inventando formas e combinações do que copiando. Aprende-se mais tentando produzir junto aos outros uma representação adequada para uma ou várias palavras do que fazendo, sozinho, exercícios de copiar listas de palavras ou letras (FERREIRO, 2001, p.102).

Já quando se utiliza dos minilivros do programa para realizar as leituras, são evidenciados que eles são compostos por textos sem sentido, complicados de compreender devido à necessidade de evidenciar as letras em questão, trabalhando somente a família silábica, não trazendo nenhum significado para o aluno.

Esta afirmação nos remete diretamente à ideia de Almeida (2010), quando esta afirma que:

As desvantagens desse método se referem às dificuldades de se emitirem os sons das consoantes isoladamente dos sons das vogais e à falta de interesse do aluno, principalmente no início da alfabetização, quando é obrigado a memorizar sons sem significado, numa atividade meramente mecânica, na qual não existe preocupação com o desenvolvimento de compreensão (ALMEIDA, 2010, p.52).

Segundo Kleiman (2000), uma das razões que tem contribuído para esse fracasso relaciona-se ao fato de que esta assume o papel, apenas de ser trabalhada como método avaliativo, isto é:

[...] a leitura torna-se avaliação com a função de verificar se o aluno ler bem, se apresenta alguma dificuldade em determinadas palavras, limitando o conhecimento dos alunos à gramática, verificação de nomenclaturas, concordância, ou seja, desmerecendo o sentido que pode ser dado ao texto a partir de seu conhecimento cognitivo, e pelo próprio texto (KLEIMAN, 2000, p.105).

Não se trata de trabalhar com elementos que levem a reflexão do aluno e faça com que ele produza uma explicação sobre o texto lido e sim de aprender as lições já determinadas e fazer exercícios que já têm meras respostas já produzidas pelas cartilhas. Para Braggio (1992), o professor se torna mero repassador passivo e acrítico dos programas “empacotados”, sendo sua experiência, intuição, criatividade e seu bom senso, considerados como fatores irrelevantes.

De acordo com os PCNs (1998), a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita [...] (p.94).

É essencial que a leitura e a escrita possam proporcionar ao aluno a possibilidade de encontrar subsídios à aprendizagem significativa (SOUZA, 2010), de maneira que o mesmo interprete sistematize, confronte, documente, informe, oriente-se e reivindique, trazendo, assim, conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural. Deve-se considerar o aluno (GERALDI, 1991, p.112) como um sujeito leitor ou como sujeito autor de seus textos.

Segundo Maciel e Lúcio (2008), “o ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, deve criar condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas” (p.16).

Tomar a alfabetização apenas como um processo de domínio das relações entre letras e sons, sem considerar os usos reais da leitura e da escrita no meio social, é não permitir a inserção plena do indivíduo no mundo da cultura escrita.

Cagliari (2003) fala que:

Ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. Na prática escolar, parte-se sempre do pressuposto de que o aluno já sabe decifrar a escrita, por isso o termo “leitura” adquire outro sentido. Trata-se, então, da leitura para conhecer um texto escrito. Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido (CAGLIARI, 2003, p.312).

Para os alunos conseguirem uma boa leitura, é indispensável que eles ampliem a vontade e o desejo de estudar, procurando aprimorar a leitura, já que esta colabora para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem dos educandos. Entretanto, o avanço na aprendizagem da leitura deverá ocorrer com a mediação do professor.

Portanto, o procedimento de ensino-aprendizagem da leitura/escrita deve ser repensado, esquematizando estratégias para que o seu uso em salas de aula não seja, exclusivamente, para o ensino da gramática, tendo em vista que as possibilidades do emprego da leitura e escrita são muito mais amplas e subjetivas.

Segundo Lajolo (2004), lê-se para entender o mundo, para viver melhor. “Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela” (LAJOLO, 2004, p.7).

Ao aprender a leitura, o aluno será capaz de decifrar e decodificar os códigos escritos e, construir seu próprio pensamento. Adquire-se esse conhecimento na escola, entretanto, o ato de ler o acompanha em toda a sua vida escolar e fora dela.

Conforme reforça Barbosa (1994):

Não se dispõe de fórmulas para garantir que a leitura seja compreensível e prazerosa. Sabe-se, entretanto, que há várias maneiras de dificultar a compreensão e o prazer na leitura: se orientarmos a criança para a concentração em detalhes visuais se fornecemos fragmentos de textos incompreensíveis ou amontoados de frases sem real significado de comunicação, se exigimos que ela responda a questões após a leitura, se lhe pedimos para oralizar palavras em detrimento do sentido. Ou seja, o ponto comum de todas essas atitudes de ensino que dificultam a aprendizagem de leitura é a limitação da quantidade de informações não visuais a que a criança pode recorrer enquanto lê (BARBOSA, 1994, p.138).

Não há fórmulas para alfabetizar com eficiência. O professor, ao contato inicial com seus alunos, apresentará algumas sugestões a respeito do que se espera deles e, a partir daí, irão trabalhar unidos passo a passo com tenacidade e tranquilidade a aprendizagem dos mesmos, porque, segundo Cagliari (1998), “a aprendizagem não tem dia marcado para acontecer [...]” (p. 110).

A concepção de aprendizagem da língua escrita nesse programa de alfabetização se dá em partes, que são expostas uma a uma, sempre da mesma maneira e sequência, de tal modo que o aluno as internaliza e utiliza em outras lições dos livros didáticos. A língua, conforme Amâncio (2002), constitui um sistema fechado, abstrato, cuja aquisição ocorre mecanicamente, tendo como pré-requisitos a consciência do fonema e as habilidades para fragmentar a fala em fonema.

Segundo SOUZA (2011) não basta memorizar os símbolos da escrita e saber juntá-los, usando apenas a codificação e a decodificação. Entende-se que o conteúdo usado é também pré-texto para desenvolver:

funções cognitivas e operações mentais, tais como identificar, analisar, selecionar, organizar, comparar, diferenciar, representar mentalmente, levantar hipóteses, promover relações virtuais e outros que, se bem desenvolvidos, beneficiarão a criança em outras situações de raciocínio. (SOUZA, 2011, p.3).

A memorização das famílias silábicas trabalhadas no Alfa e Beto não é o bastante para levar o aluno a conhecer os diversos sons representados pelos grafemas e as estruturas silábicas. Essa capacidade de reconhecê-las faz parte do método inicial da aprendizagem da leitura e da escrita, mas não é e nem pode ser o único. A memorização destas famílias silábicas, por si só, pode limitar ou inibir o essencial aprendido. Outro caso de memorização que o Alfa e Beto utiliza é decorar o alfabeto em sequência e, quando trabalha com as cartelas, os alunos, além de internalizarem a letra, memorizam a figura correspondente à letra. Exemplo: letra j, palavra ou figura correspondente, ou seja, um jacaré.

O método de alfabetização do programa “Alfa e Beto” é mecanizado, fragmentado, hierarquizado, sem dar condições de o aluno refletir sobre sua aprendizagem. Um autor que concorda com essa metodologia é Mortatti (2000), que afirma que alfabetização é um processo de ensinar e aprender o conteúdo da cartilha, de acordo com o método proposto, o que permite considerar alfabetizado o aluno que tiver terminado a cartilha com êxito.

É evidente que ser alfabetizado de forma mecânica não garantirá aos nossos estudantes interação com os diversos tipos de textos, sabendo interpretá-los com afinco. É preciso que eles sejam aptos de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos

das palavras em diferentes contextos, ou seja, ser alfabetizado e letrado para compreender o que está escrito.

Estudos de Jesus e Torres (2008), realizados em Sergipe sobre o programa, apontam problemas no que diz respeito ao sentido do trabalho docente. O excesso de controle produz a resistência silenciosa contra a ação reflexiva competente, incentivando a incompetência docente [...].

O programa desqualifica e destitui os saberes e os seu papel de organização e construir conhecimentos, metodologias e praticas, reforça relações de poder hierarquizado tanto na organização do conhecimento quanto do trabalho pedagógico. (p.51)

Desde 2008, ano base do desenvolvimento da pesquisa mencionada, que o projeto envia o material para as escolas, e as supervisoras e coordenadora auxiliam as professoras como usá-los, não há cursos de formação continuada, apenas repassam como devem utilizar os materiais, todas as informações são dadas pelas supervisoras do programa.

Há uma grande falta de autonomia tanto dos professores quanto dos alunos no processo de aprendizagem, não considerando o interesse do aluno e da direção da escola nos processos pedagógicos. O professor tem que obedecer ao plano de aula estabelecido pelo programa e só pode usar sua criatividade e ludicidade com base nos conteúdos de cada aula, de hipótese alguma, não pode ficar sem explicar nenhum assunto correspondente a cada dia, tornando-se uma rotina de aulas rígidas e cansativas.

Os alunos do 1º ano do ensino fundamental utilizam o livro *Letras e Formas*, que veio para substituir os cadernos de caligrafia, mas continuou com o mesmo intuito que é de treinar a coordenação motora, a escrita de letras, famílias silábicas e pequenas frases, tudo de modo mecanizado, a preocupação é que o aluno faça igual ao livro e torne sua letra legível e não que aprenda o processo da leitura e escrita.

Nos livros de português e minilivros, preocupa-se com a parte técnica da alfabetização necessária à decifração do signo linguístico e não com a compreensão do texto, ou seja, apenas com relação à letra som e na repetição, fazendo com que esses alunos percam interesse pela leitura. Sendo estas realizadas na própria sala de aula, em voz alta ou em tom moderado, isso vai depender de que forma vai ser executada, coletiva, em dupla ou individualmente.

Os alunos do 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Monsenhor Marinho, no início do programa, eram avaliados em seis testes, a partir de 2011, este número decaiu para três testes, elaborados pelo programa e aplicados por alguém da secretaria e, às vezes,

pelas supervisoras, o estudante que não obtivesse 50% da prova, poderia refazer isso porque o nervosismo pode atrapalhar seu desempenho, podendo o mesmo ter uma segunda chance. Mas isso nem sempre acontece, porque independente de a criança saber ler e escrever, ela não pode ser reprovada, há uma Portaria no projeto que ampara esses casos.

As supervisoras têm a função de subsidiar os professores na execução do programa, controlar as sequências das aulas e responsáveis em avaliar os educadores, fazendo um relatório das visitas realizadas.

Infelizmente, o que muitos educadores fizeram e ainda fazem em muitas escolas é alfabetizar os alunos de forma mecanizada, primeiro aprendem as vogais, depois o alfabeto, as famílias silábicas, formação de pequenas palavras e, por último, frases. Não se notam circunstâncias escolares em que o professor mostra um assunto para a turma ou a coloca para estudar, pesquisar um tema, fornece dados, modelos, ajuda a sistematizar, podendo ser esse um momento em que o aluno poderia expor suas ideias, críticas, interagir entre ambos, enfim, designar ocasiões em que o conhecimento pode ser construído.

Se continuar nesse método mecanizado, para alfabetizar os alunos do 1º ano do ensino fundamental, estará sendo desconsiderada a riqueza da interação em busca de novos conhecimentos e de interesse do aluno porque ensiná-las a copiarem e repetirem sílaba, palavras e frases feitas não estará ensinando a dimensão discursiva da linguagem.

Segundo Martins (1994), muitos educadores não conseguem superar a prática formalista e mecânica, quando afirma que:

[...] enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que se dore a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece à pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem colocar o porquê, como, e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade (MARTINS, 1994, p.23).

Smolka (1993) afirma que a alfabetização implica desde sua gênese, na constituição do sentido. Desse modo, implica mais profundamente uma forma de interação com o outro pelo trabalho de escritura – para quem eu escrevo, o que escrevo e por quê? (p.69)

Para aprender a ler, não basta reconhecer as regras de escrita, tem que, também, saber identificar o gênero do texto. “Obrigam os alunos a copiar o texto do livro didático, ou a preencher extensas fichas de leitura ou questionários que só perguntam o óbvio, ou tornar a leitura/escrita apenas objeto de avaliação é “matar” no aluno o desejo de ser leitor ou escritor” (SOUZA, p.100).

Para que os alunos tornem-se leitores, é preciso que eles sejam incentivados a folhear, criar histórias a partir dos livros ilustrativos e balbuciar algumas palavras dos livros infantis, antes mesmo de adentrar na escola. O que ocorre é que a maioria delas chega às instituições de ensino sem esse preparo, possui pais que não são habituados a ler e alguns não têm contato com livros.

Em consequência disso, as escolas devem possuir um cantinho da leitura, agradável, arejado, colorido, acolhedor, em que o aluno sinta-se à vontade e encantado com este espaço, que lhe proporcionará conhecer vários lugares, crenças, culturas, entrar no mundo da imaginação, desenvolvendo sua aprendizagem. Os alunos devem conviver, segundo Amâncio (2002, p.107), com textos de boa qualidade, em que sejam explorados seus aspectos mais significativos, em que o sentido, a significação sejam enfatizados e tornem-se algo comum em sala de aula.

Alfabetização e letramento são artifícios diferentes, cada um com suas especificidades. Porém, os dois são indispensáveis quanto ao processo da aprendizagem da leitura e escrita. Para Magda Soares (1998, p.39), letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é, também, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Para educar estudantes letrados, não exclusivamente alfabetizados, o repertório e as ocasiões de leitura deles necessitam ser expandidas para obter variados tipos de textos que abrangem a vida social de cada um, para que, depois de aprendidos, sejam produzidos por eles quando houver necessidade.

O processo da escrita e da leitura é uma complicada tarefa escolar, porque muitos professores não conseguem alfabetizar crianças aos seis anos de idade, dificultando sua aprendizagem. Para isso, é indispensável a análise de aspectos voltados à alfabetização, apresentados por autores que têm pesquisado e avançado nessas concepções, como Magda Soares (1999), que aponta que aprender a ler e a escrever é mais que fazer uso da leitura e da escrita. É modificar o indivíduo, levando-o a outra posição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

Já Emília Ferreiro (1986) defende uma alfabetização contextualizada e significativa através da transposição didática das práticas sociais da leitura e da escrita para a sala de aula. Ela defende que os alunos devem estar inseridos em uma escola, em que o aluno é sujeito do conhecimento.

Para Ferreiro (1996), a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser:

[...] consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados no papel para representar algo, ou seja, o professor alfabetizador deve considerar cada fase de aprendizagem de seus alunos e ser seu mediador para que eles possam avançar na sua aprendizagem.

O educador precisa ficar atento a essas aprendizagens, permitindo que os alunos se auxiliem reciprocamente, dando-lhes material de leitura, criar atividades motivadoras, esclarecer suas dúvidas e confiar. É de suma importância confiar na capacidade dos alunos de descobrir e aprender esse sistema da língua falada. Quanto mais o educando for estimulado a conhecer a leitura e a escrita, quanto mais ele puder exercitá-las livremente, sem pressões ou correções constantes, maior será seu desempenho em relação a esse processo.

Ela diz que os alunos devem se alfabetizar partindo de práticas sociais de leitura e de escrita. O educador tem que identificar em que fase da alfabetização cada aluno se encontra e trabalhar com cada aluno suas dificuldades, para que, juntos, encontrem meios para que ele possa aprender a ler e escrever. O professor não pode deixar sua função de mediador do processo pedagógico para ser somente um conferencista de atividades, que não instiga a pesquisa e se satisfaz apenas com a transmissão de atividades já prontas.

Partindo da teoria de Ferreiro (2000), a prática de cada professor pode variar de acordo com a sua experiência e com os princípios que norteiam seu trabalho. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas:

Cabe ao profissional dominar uma teoria e acreditar em sua capacidade de desenvolver um bom trabalho. Para isso, é necessário que conheça diferentes maneiras de se trabalhar de forma agradável com linguagem oral e escrita, favorecendo o avanço do aluno de um nível de aprendizagem a outro (FERREIRO, 2000, p.)

Não é necessário que o professor siga somente uma teoria de alfabetização, ele pode utilizar-se de várias concepções que ele acredite que levará seus alunos ao objetivo final, que é dominar a escrita e a leitura para utilizá-las na sua vida social.

Frank Smith (1999) diz que as crianças aprendem a ler não por causa dos programas prontos, mas:

[...] porque os professores conseguem fazer com que elas encontrem um sentido para o ensino que recebem. É na sabedoria e na intuição do professor que devemos confiar desde que estes disponham das bases necessárias para tornar, em sua classe, decisões que só cabem a eles tomarem (SMITH, 1999, p.56).

Estes programas de alfabetização são caracterizados por um sistema fechado e o processo de aquisição da linguagem escrita e oral é visto como algo exterior ao indivíduo. O que muitas escolas ainda insistem em proporcionar são os métodos já elaborados por programas governamentais, e, muitas das vezes, já ultrapassados e defasados, e não o ensino que proporcione o aluno a criticar, elaborar, construir, criar e fazer suas próprias produções.

Vygotsky (1991) referindo-se às dificuldades que a criança encontra na aprendizagem da escrita e na fraca motivação que demonstra para essa aprendizagem, lembra que, na conversação ou nas situações discursivas:

Todas as frases impelidas por um motivo – os interlocutores determinam a todo instante o curso da fala; já os motivos para escrever são abstratos, mais intelectualizados, mais distantes das necessidades imediatas. Tudo isso exige uma ação deliberada por parte da criança, que tem necessariamente que tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que devem ser estudados e memorizados antes. (VYGOTSKY, 1991, p.85).

Ensinar a ler, segundo Castanheira (2009), não é mandar ler, nem propor perguntas sobre o texto a serem respondidas por escrito em exercícios de interpretação no “para casa” e, depois, corrigir apenas as respostas. “Ensinar a ler é, entre outras ações, levar o aluno a relacionar o assunto do texto a conhecimentos prévios enciclopédicos e de suas experiências de vida, inclusive experiências de outras leituras” (CASTANHEIRA 2009, p.100).

Ensinar a ler é, antes de tudo, formar sujeitos leitores ativos, críticos que descubram a importância do ato de ler. Por isso, o educador tem que valorizar a capacidade de aprendizagem de cada aluno, criando sempre um ambiente de cooperação e interação entre os alunos e ele, porque quando eles leem sem motivação, sem crítica, fantasias, conhecimento, reflexão, quando apenas copiam o que está exposto no texto, logo não poderão sobrepor sobre aquilo que está posto. Assim sendo, devem-se construir leitores capazes de ler criticamente, suscetíveis para intervir na realidade em que estão inseridos.

Contudo, Cagliari (1998) considera que o melhor método para um professor deve:

[...] vir de sua experiência e deve ser baseado em conhecimentos sólidos e profundo da matéria que leciona. O fato de não ter um método preestabelecido não significa que o ensino seguirá navegando a deriva... . Quando um professor é bem conhecedor da matéria que leciona, ele tem um jeito particular de ensinar... E isso é fundamental para o processo educativo (p.108).

Neste ponto de vista, percebe-se que não é necessário o uso de métodos alfabetizadores, o que de fato importa são o conhecimento e a criatividade do professor. Ao se deparar com sua turma, ele conseguirá organizar e planejar seus planos de ensino: o que ensinar, quando e como atender às necessidades de seus alunos; e ao agregar esses fatores a sua prática docente, o professor terá sua própria metodologia de ensino.

A questão dos métodos de alfabetização não é a essência da educação, apenas um instrumento. Por isso, é de grande importância ter conceitos claros a respeito do que é adotar um ou outro procedimento metodológico no processo escolar.

Os métodos de alfabetização, conforme adverte Braggio (1992), não se constituem apenas num instrumento educacional ingênuo, mas num poderoso instrumento de controle e adaptação do indivíduo a ordem social, política e econômica. [...] eles tolhem, alienam, massificam [...] (p.96). É isto que se observa no caso do Programa Alfa e Beto desenvolvido na Escola Estadual Monsenhor Marinho.

CAPÍTULO III

A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR MARINHO

Neste capítulo, serão analisados a metodologia e o desenvolvimento do processo da escrita e leitura na turma do segundo ano da Escola Estadual Monsenhor Marinho. Será utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa para discutir o processo de alfabetização implementada pelo programa Alfa e Beto, bem como os seus resultados no desenvolvimento da leitura e da escrita.

O trabalho de campo foi realizado por meio de entrevistas com duas professoras que atuaram no Programa “Alfa e Beto”, dos seis professores que trabalham na escola campo de estudo. A escolha das professoras se deu porque estas foram as únicas a trabalharem com a turma do primeiro ano corresponsável pelo processo inicial de alfabetização.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, por entender que este método é o mais apropriado para a obtenção de bons resultados e lealdade nos questionamentos. Esta é uma forma de interação social muito eficaz, em que o entrevistado expõe seus conhecimentos, levando em consideração a temática abordada pelo entrevistador, relatando as suas opiniões, de forma livre e espontânea, tendo em vista que a entrevista privilegia a fala dos indivíduos, para, a partir desse contexto, obter as informações necessárias para o corpo da pesquisa.

Outro instrumento de coleta de dados foi a análise das atividades de leitura e escrita realizadas pelos estudantes do primeiro ano de 2012. No momento de realização dessa pesquisa, identifica-se que, dos 29 alunos de 2012, 16 se matricularam no segundo ano na mesma escola, foram estes, os que se consideram nesta pesquisa.

Vale-se, também, de documentos oficiais para ampliação de análise. Trabalha-se com os dados de provas executadas pelo Programa e os indicadores educacionais.

A escola da rede pública Monsenhor Marinho⁴ está localizada na Rua Jeremias Monteiro S/N, no município de Lagarto/SE, onde atende, em seu estabelecimento de ensino, aos alunos do 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

⁴ Esta escola tem em sua infraestrutura três salas de aula espaçosas, onde contem dois ventiladores em cada uma delas, banheiros apropriados para idade dos estudantes, armários para os professores e uma estante para guarda os livros para pesquisas, uma secretaria, cozinha, depósito, banheiro fora da sala de aula para os funcionários e um pequeno pátio para os alunos brincarem na hora do recreio. A mesma tem como funcionários, quatro merendeiras, dois vigias, quatro operadores de serviços básicos, dois auxiliares administrativos, uma secretária

A finalização do programa “Alfa e Beto”, em 2012, ocorreu a partir da justificativa do Governo, de ser este de alto custo com materiais didáticos. O Estado aderiu, no ano de 2013, ao novo programa do Governo Federal: “O Pacto Nacional na Idade Certa”, em que foram matriculados 180 alunos, destes, 29 alunos faziam parte do 1º ano do ensino fundamental. Estes alunos passaram por três avaliações durante o ano letivo. Essas avaliações foram aplicadas por uma gestora e tinha como objetivo verificar condições de leitura e escrita.

Tomam-se como dados de análise os resultados das três avaliações e a análise do conteúdo da terceira e última avaliação.

Segundo relatórios da escola, foi aplicada, no dia 27/07/2012, a primeira avaliação, da qual participaram 29 alunos. Os critérios avaliados foram a consciência fonêmica, o princípio alfabético e decodificação, a fluência e expressão oral.

Após correção, consta no relatório o seguinte resultado:

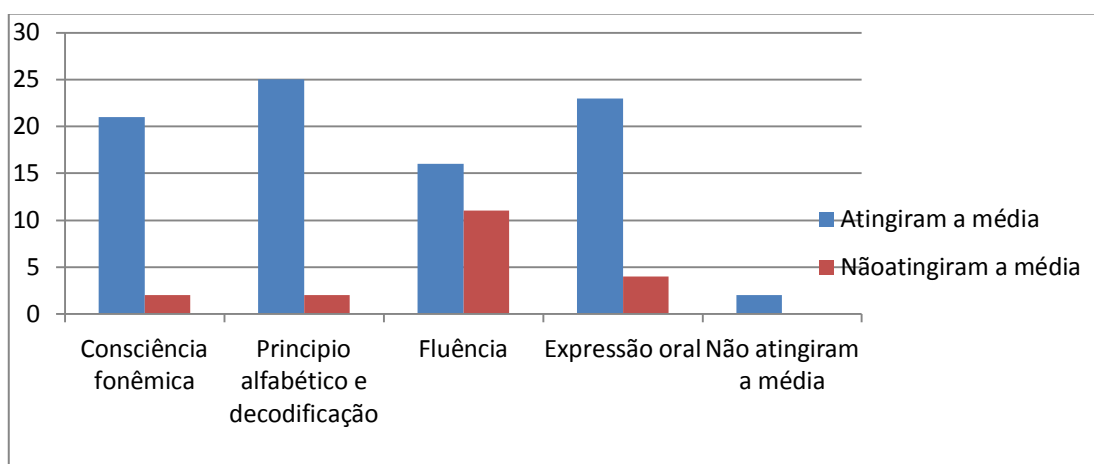


GRÁFICO 7: Resultado da prova do dia 27/07/2012 da turma do 1º ano.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 29 alunos, dois não atingiram a média em nenhum item avaliado. Na consciência fonêmica, 21 alunos atingiram e 6 não; no princípio alfabético e decodificação, 25 alunos conseguiram e apenas 2 alunos não atingiram a média; na expressão oral, 23 conseguiram e 4 não atingiram; já a fluência foi o termo que as notas mais se aproximaram, 11 alunos não atingiram a média e 16 conseguiram ler.

Na avaliação realizada dia 26/10/12, 29 alunos participaram a fim de serem avaliados quanto à capacidade de: decodificação, fluência, compreensão e expressão oral e escrita.

Destes, 9 não atingiram a média. Pode-se observar, ainda, o aumento das dificuldades dos estudantes pelos itens avaliados.

Como pode-se observar o gráfico abaixo, dos 29 alunos, 10 não conseguiram decodificar as palavras, 27 não liam com fluência, quase 100%; 12 não compreendiam o texto e não expressavam oralmente e 21 não conseguiram escrever.

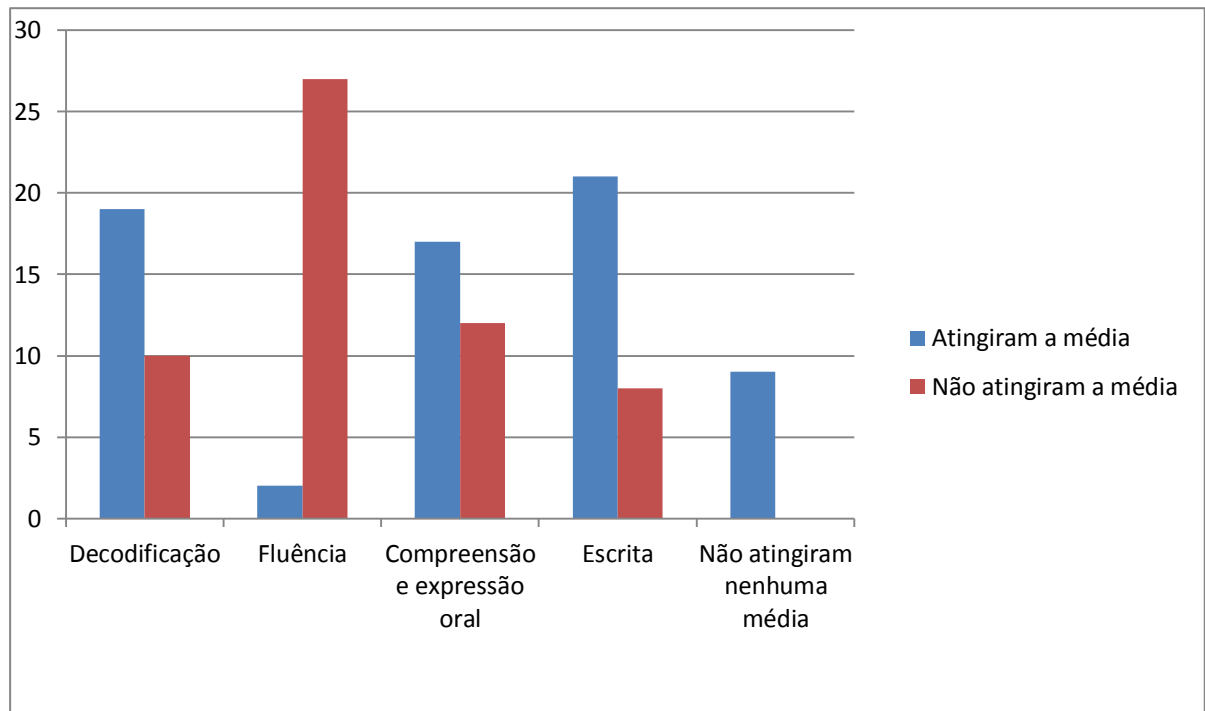


GRÁFICO 8: Resultado da segunda avaliação do 1º ano.

Fonte: Dados da pesquisa.

A última avaliação realizada no dia 06/12/12, foi feita com a mesma quantidade de alunos. Os itens avaliados foram os mesmos. (GRAF. 9).

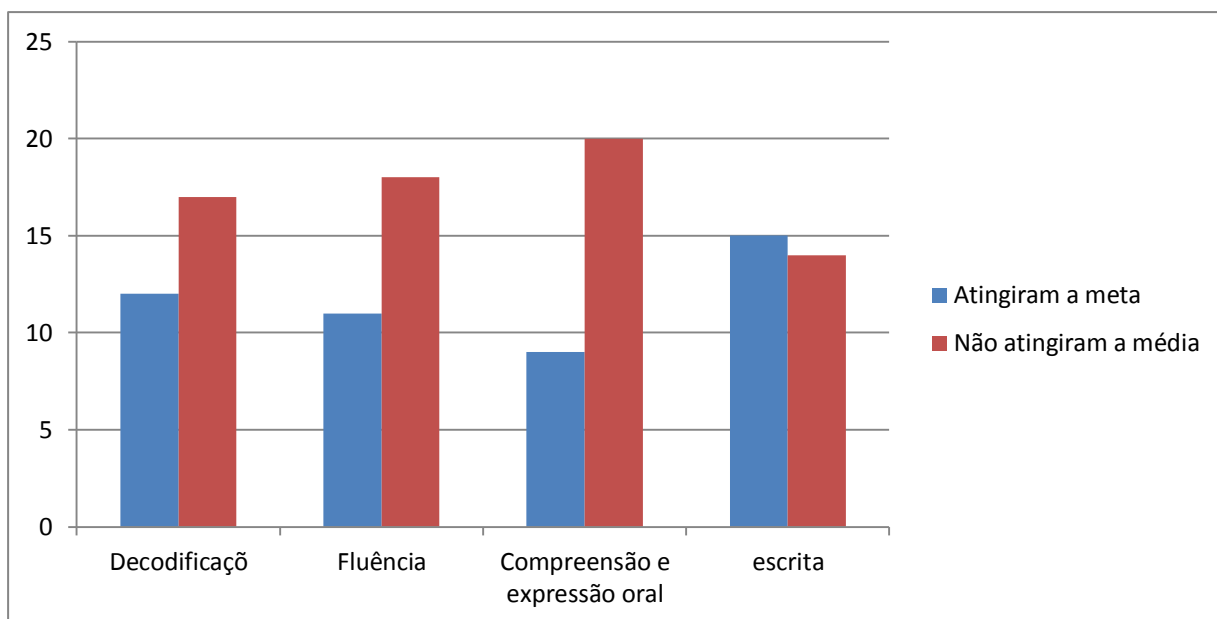


GRÁFICO 9: Resultado da última avaliação do 1º ano.
Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que houve uma regressão na aprendizagem desses alunos, na penúltima avaliação, 19 alunos decodificavam e, na última prova, esse número diminuiu para apenas 12. Já a fluência aumentou de 8 para 11 alunos, e nos demais itens, também, ocorreu um declínio. Na compreensão e expressão oral, de 17 que atingiram na penúltima prova, na última, apenas 9 conseguiram e na escrita, passou de 21 para 15 alunos.

Tendo acesso à última avaliação, em que se observou a regressão na aprendizagem, trazem-se algumas questões contidas na prova, de decodificação, fluência, compreensão e escrita para averiguação do nível das questões referentes a esses fatores, para procurar entender o que, de fato, levou esses alunos a regredirem em sua aprendizagem.

A prova inicia-se com questões de decodificação, primeiro o aluno vai ler algumas palavras, inicialmente, consideradas pelo programa como de menor complexidade porque não dependem de junção de consoantes, em seguida, propõe palavras com maior grau de dificuldade, se o aluno começar errando mais de cinco palavras, quem estiver aplicando a prova deve passar para questão seguinte.

Analisaram-se, então, quais eram as palavras da questão seguinte e observou-se que estas são consideradas como palavras malucas, ou seja, palavras que não existem, conforme figura abaixo.


 GOVERNO DE SERGIPE
 SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

2. LER PALAVRAS MALUCAS

- Cubra as palavras abaixo com um papel grosso.
- Diga ao aluno:
 - **Eu vou mostrando cada linha, e você vai ler as palavras, assim, da esquerda para a direita (mostrar com o dedo).**
- Vá descobrindo uma linha de cada vez.
- Ler corretamente significa ler a palavra decodificando ou, se o aluno já souber, ler de forma automática.
- Considere autocorreção como acerto, isto é: considere correto se o aluno corrigir na hora.
- Depois de 5 erros ou muita dificuldade, encerre o exercício e vá para o outro item.

▪ Anote o número de palavras que o aluno acertar.

ALU	UA	EA	PEA	IPA
XERU	QUERRU	KARI	BRAU	ULHO
RENHA	XATRO	SOLHO	QUANTE	VILHA
CEVRO	FORONHA	IMPOLHO	MENHA	LENTRA
ANCHE	XAUFO	PRODO	TIQUILO	SONZA
KAKO	BRINHO	ZILHO	FLIXE	QUECHUCO

2

FIGURA 2: Questão 2 da 4ª avaliação do 1º ano sobre decodificação.
 Fonte: 4ª avaliação do programa Alfa e Beto de 2012.

Para os alunos que estão no início da descoberta da leitura e da escrita, estas palavras podem atrapalhar seu desempenho, ocorrendo até um número maior de erro neste item, porque, ao tentar ler estas palavras inexistentes, muitos atrapalham na sua pronúncia porque são palavras sem nenhum significado para as crianças.

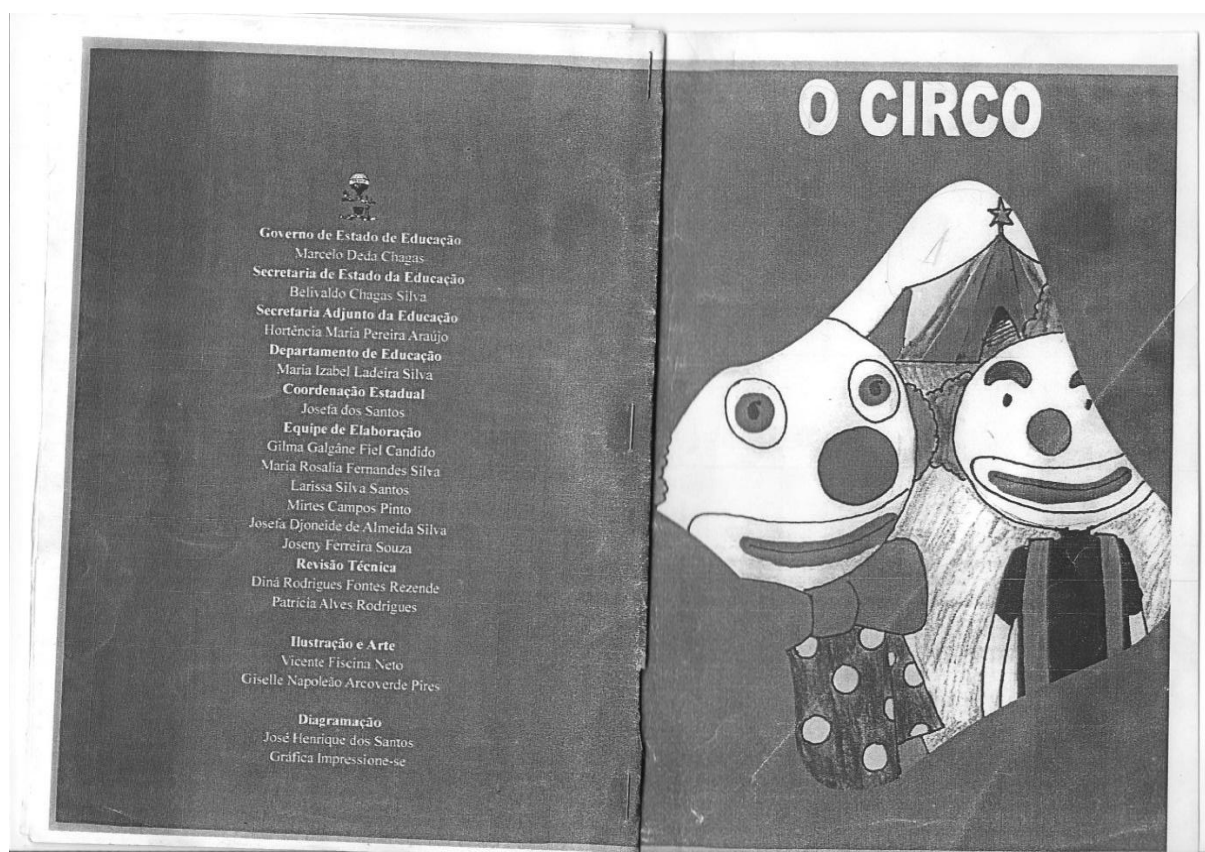
Segundo Bakhtin (1988, p.128), “as palavras não são meros itens de dicionários, elas também guardam sentido e significado construídos socialmente, o que quer dizer palavras de verdade e malucas”.

Segundo Martins (2005), a língua define como sistema de signos. Os sons valem como linguagem apenas para:

[...] expressar ou comunicar ideias: de outra maneira, são apenas ruídos. E para comunicar ideias, devem fazer parte de um sistema de convenções. O signo é a união de uma forma que significa à qual Saussure chama significante, e de uma ideia significada ou significado (MARTINS, 2005, p.21).

O próximo fator avaliado foi a fluência, compreensão e expressão oral da leitura do minilivro “O circo”. O aluno teve que, em um minuto, ler o livro com fluência e o avaliador anotar quantos erros ele cometeu nesse intervalo, se não conseguir neste tempo, anotar os minutos que gastou para ler, o ritmo e a entonação, ele não alcançará a média, a seguir, o avaliador utiliza o minilivro para apresentar e ler e, em seguida, questiona o aluno qual foi sua compreensão sobre o que viu e ouviu. Neste momento, o gestor avalia, também, a expressão oral.

Na figura abaixo, está uma parte do minilivro em questão:



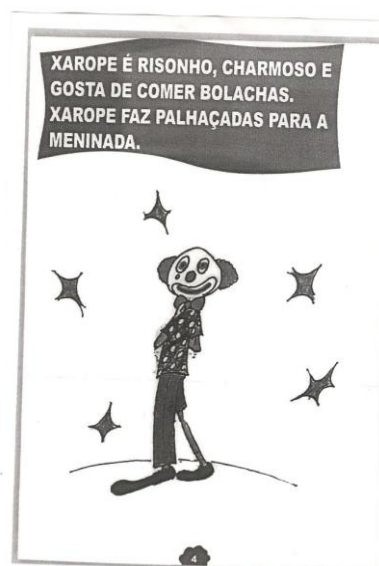




FIGURA 3: Minilivro “o circo” utilizado na 4ª avaliação.
 Fonte: Material do programa Alfa e Beto.

São várias perguntas de predição, literal, reflexão crítica, princípio/meio/fim e recontando a história. Na primeira avaliação, 23 alunos atingiram a média; na segunda, esse número baixou para 17 e, nesta última, quase o dobro, apenas 9 alunos se saíram bem. São

questões simples como: você acha que tem palhaço no circo? Por quê? O que o palhaço Pixote gosta de fazer? Uma questão critica você acha correto apelidar alguém? Por quê? E no final, recontar a história a sua maneira.

Silva (2002, p. 96) esclarece:

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes.

Ao perguntar à professora P1, por que os alunos obtiveram esses resultados, ela nos informou que, “por estar para finalizar o programa, a falta de material, como os minilivros, era grande e ficava difícil de trabalhar a leitura e a compreensão textual com seus alunos, afetando, assim, no resultado final”.

O último fator avaliado foi a escrita, conforme apresentado no documento abaixo, para se chegar ao resultado final da avaliação.

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

IV. VERIFICANDO ORTOGRAFIA

13. ESCRITA DE PALAVRAS

- Aplicador: Entregue lápis, borracha e uma folha pautada em branco ao aluno.
- Agora diga:
 - Os palhaços usam roupas bem coloridas. Eu vou falar algumas roupas que os palhaços usam e suas cores. Escreva essas palavras como você souber.
- Aplicador: Fale as palavras pausadamente.
 - luva, laço, meia, rosa, amarelo, vermelho, preto, laranja.

▪ Anote 1 se o aluno escrever de 4/6 palavras com ortografia correta.

14. ESCRITA DE FRASE

- Diga ao aluno:
 - Observe a ilustração e escreva uma frase sobre ela.



▪ Anote 1 se o aluno escrever a frase com espaçamento entre as palavras e sem erros ortográficos, contudo, não observando o uso de inicial maiúscula e/ou pontuação.

7

FIGURA 4: Quarta questão da 4ª avaliação sobre a escrita.

Fonte: Prova do Alfa e Beto

Nota-se que, nessa primeira parte da escrita, o aluno é orientado a escrever palavras simples e, partindo das mais complexas, como vermelho, preto e laranja. Na segunda questão,

são solicitadas a escrever palavras complexas como palhaço, mas terá a liberdade de utilizar na sua frase palavras que já tenham conhecimento.

Após levantar esses dados, esta autora foi à Escola Monsenhor Marinho, no mês de junho de 2013, para fazer uma atividade de leitura e escrita com esses alunos. A atividade foi feita com 4 alunos, sendo que 2 conseguiram realizar a atividade de leitura e escrita com êxito, e 2 não conseguiram este objetivo.

Na atividade de leitura, foram apresentados dois tipos de textos, uma cantiga de roda para os alunos que não atingiram a média na fluência e a história em quadrinho para os alunos que conseguiram ler com fluência.

A cantiga de roda é um instrumento facilitador do processo de aprendizagem, tornando a aula e os exercícios mais prazerosos, beneficiando o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo do aluno. Quando bem direcionadas, mostram-se como solução para a leitura lúdica no processo de iniciação da criança no mundo da leitura.

O uso das histórias em quadrinhos em sala de aula promove um estudo de vários elementos da língua, o PCN enfatiza a importância e sugere o uso de diversos gêneros textuais como uma forma de suporte na aprendizagem da linguagem oral e escrita, sendo assim, é preciso reeducar o olhar e desconstruir a ideia de que HQs não contribuem para o ensino da língua, seja ela oral ou escrita.

Atividade de Leitura
Pirulito Que Bate - Bate (Cantiga de roda)

Pirulito que bate bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu
Pirulito que bate bate
Pirulito que já bateu
A menina que eu gostava
Não gostava como eu

3.1 Análise da Escrita

Pode-se verificar, aqui, a atividade da escrita. Sendo esta utilizada pelos quatros alunos. Primeiro, o nome completo de cada um, a 2º e a 3º questões podem ser escritas com palavras simples de animais e nome de pessoas do conhecimento de cada um e, na última, questão com palavras complexas com o ditado mudo.

Atividade de escrita

1) Escreva seu nome completo:
Andriellen Satamagener

2) Escreva 4 nomes de animais que você conhece:
GATA CAVALO
CACHORRO MACACO

3) Escreva 4 nomes de pessoas que você conhece:
VANESA LOLE HERIEU MARIA

4) Escreva o nome das figuras abaixo:


MORANGO


COLHER


PA LHAÇO


BORBOLETA

FIGURA 6: Atividade de escrita da aluna Andrielli.
 Fonte: Dados da pesquisa

Esta aluna, nas provas de 2012, só sabia escrever o alfabeto e seu nome, por fazer todos os dias em suas atividades, com ajuda de uma ficha, acabou aprendendo. No decorrer do ano de 2013, começou a se desenvolver na leitura e, principalmente, na escrita. Observa-se que somente o nome dela que é escrito de forma cursiva, as demais palavras em letras maiúsculas, garrafais. Foram poucos erros encontrados. Surgem alguns conflitos, a palavra cachorro escreveu com um “r”, José com o “J” invertido, Ariel com “H” no início, depois e no

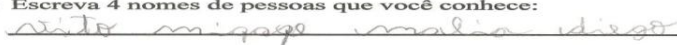
lugar da letra “r” e no final no lugar do “l” um “u”. No ditado mudo, por ter palavras com junção de consoantes, quando tinha dúvida, perguntava como se escrevia o “lh”, se palhaço era com “s” ou “ç”, e no momento em que se tiravam suas dúvidas, ela mostrava a preocupação com as regras para escritas que devem ser assimiladas.

É de se impressionar com o progresso de sua aprendizagem em um pequeno intervalo de tempo. Ela está na fase alfabética, venceu todos os obstáculos conceituais para a compreensão da escrita.

Atividade de escrita

1) Escreva seu nome completo:


2) Escreva 4 nomes de animais que você conhece:


3) Escreva 4 nomes de pessoas que você conhece:


4) Escreva o nome das figuras abaixo:







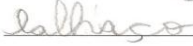






FIGURA 7: Atividade de escrita do aluno Edclan.

Fonte: Dados da pesquisa.

O aluno Edclan, 7 anos, conseguiu atingir a média na escrita, mas, na leitura, não atingiu o sucesso. O aluno lê soletrando e o texto utilizado para avaliar a leitura foi a cantiga de roda. Observa-se que todas as palavras que eram para ser escritas com a letra “C” ele escreveu com “Q”, exemplo: *vaqa* (vaca), *qavalo* (cavalo), entre outras. Ele escreve como pronuncia, iniciou a palavra Vitor com letra minúscula e faltando o R, como também, a palavra colher, escreveu com “q” e faltando o “R”, mais uma vez, foi confirmado que o método de silabação, fonético adotado por esse programa de alfabetização não levará o aluno a escrever corretamente. Este aluno encontra-se no nível alfabético e compreende. Segundo

Bizzotto (2010, p. 137), a escrita tem uma função social, e que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba. Conhece o valor sonoro de todas as letras ou de quase todas, até mesmo, porque essa é a função do método fônico.

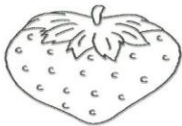
Atividade de escrita

1) Escreva seu nome completo:
Érica dos Santos Melo

2) Escreva 4 nomes de animais que você conhece:
cabo - goma - goma - mago

3) Escreva 4 nomes de pessoas que você conhece:
maria - laura - Paula - rebecca

4) Escreva o nome das figuras abaixo:


maquianga


colde


palafra


borboleta

FIGURA 8: Atividade de escrita da aluna Érica.
 Fonte: Dados da pesquisa.

A aluna Érica não atingiu a média na avaliação de 2012 e continua na mesma situação. Segundo a professora, é uma aluna que perde muitas aulas e não tem um acompanhamento em casa, até o próprio nome ela não acertou, ao invés de escrever Érica escreveu *Érci*, já o sobrenome conseguiu.

Nos nomes de animais não acertou nenhum, escreveu *cabo* para (cachorro), *goma* (gato), *gono* (galo) e *mago* (macaco); sente muita dificuldade para escrever, a única coisa que aprendeu com a metodologia do programa foi escrever e identificar as letras do alfabeto e que, para formar palavras, necessita de sílabas compostas por vogais e consoantes. Ela iniciava as

palavras com as sílabas certas, mas não conseguia finalizá-las. Algumas palavras que conseguiu escrever foram com auxílio. O “erro” faz parte da construção conceitual, deve-se acreditar na criança e trabalhar com seus erros para que ela reveja suas ideias e evolua à medida que viver novas experiências durante o processo de alfabetização. O professor deve estimular o aluno, confiando que ele é capaz de aprender.

Érica se encontra no nível silábico-alfabético, quando descobre que uma letra sozinha não representa uma sílaba e nem uma sílaba uma palavra, por isso, vai colocando sílaba ou letras aleatoriamente para formar a palavra desejada.

Atividade de escrita

1) Escreva seu nome completo:
Rilpe

2) Escreva 4 nomes de animais que você conhece:
gato, cachorro, coelho, hamster

3) Escreva 4 nomes de pessoas que você conhece:
avô, avó, mãe, pai

4) Escreva o nome das figuras abaixo:



Uva



lata de cereais



mariposa



mariposa

FIGURA 9: Atividade e escrita do aluno Felipe.

Fonte: Dados da pesquisa.

E, por fim, o aluno Felipe que, como a aluna anterior, segundo a professora, falta muitas aulas e, quando comparece, não teve e ainda não tem um acompanhamento das professoras para encontrar uma metodologia de ensino que o ajude a avançar na sua aprendizagem. Por ter que obedecer ao plano de aula do programa, as professoras têm que avançar nos conteúdos mesmo que seus alunos não tenham atingido o objetivo final, ficando alunos como este prejudicados e desestimulados a serem alfabetizados.

Quando se foi aplicar a atividade, identificou-se que o aluno Felipe não conseguiu ler nenhuma palavra e, na escrita, não conseguiu fazer o seu nome, escreveu “Rilpe”, quando

deveria ser Felipe, e as demais palavras grafou com vogais somente ou com várias consoantes e algumas vogais, nem as letras do alfabeto ele sabe identificar, por ter feito cópias do alfabeto em exercícios mecanizados e no livro *Letras e Formas* do Programa Alfa e Beto, que veio para substituir as “famosas caligrafias” para treinar a coordenação motora, a letra, escrita e leitura, decorou algumas letras e é delas que utiliza para codificar as palavras.

Este aluno encontra-se no nível silábico, emprega na escrita de suas palavras, consoantes ou vogais como marco silábicos. Esses alunos representam cada parte de sua fala com uma letra, uma grafia qualquer.

O Programa Alfa e Beto defende que, para o aluno ser alfabetizado, precisa ensiná-lo que cada letra representa um som, como se o processo de alfabetização pudesse sintetizar ao aprendizado de letras e sílabas. Segundo Cagliari (1998):

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que estar acontecendo à alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais (GAGLIARI, 1998).

O educador, no processo de alfabetização, não pode, exclusivamente, ser um aplicador de pacotes educacionais como o “Alfa e Beto”, que se preocupa apenas se o aluno fez, mecanicamente, a tarefa estabelecida e não se ele aprendeu e se essa aprendizagem contribuiu para seu convívio social. Ser mediador desse processo é estar entre os conhecimentos e o aprendiz e, constituir uma interação entre ambos.

Para a concretização da pesquisa, como foi mencionado no início deste terceiro capítulo, foi realizada entrevista com duas professoras do Programa Alfa e Beto, uma responsável pela turma do 1º ano do ensino fundamental de 2012 e a outra do 2º ano do ensino fundamental de 2013 que eram os alunos da turma do 1º ano em questão.

A professora do 1º ano aqui chamada de P₁ tem 16 anos de experiência na educação infantil e nas turmas do 1º e 2º ano do ensino fundamental, tem o curso superior em Pedagogia e é pós-graduada em Psicopedagogia, além de lecionar na rede pública estadual, é, também, coordenadora da educação infantil na rede municipal de ensino. Ela ensinou no Programa “Alfa e Beto” desde 2009, quando deu início na Escola Estadual Monsenhor Marinho e lecionou até o fim do programa, em 2012.

A professora (do 2º ano), aqui chamada de P₂, tem três anos de experiência, sendo um como alfabetizadora, e os outros dois na turma do 3º ano do ensino fundamental, é graduada em Pedagogia e só trabalhou um ano no programa Alfa e Beto, com a turma do 3º ano.

A entrevista semiestruturada, segundo Moura (1998):

Apresenta-se sob a forma de um roteiro preliminar de perguntas, que se molda à situação concreta de entrevista, já que o entrevistador tem liberdade de acrescentar novas perguntas a esse roteiro, com o objetivo de aprofundar e clarificar pontos que ele considere relevantes aos objetivos do estudo (p.78).

Observa-se que as entrevistas foram de suma importância, principalmente, no intuito de possibilitar o contato com o ambiente e os sujeitos envolvidos, a fim de se realizarem o desenvolvimento e a análise desta pesquisa.

Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevista semiestruturada, buscando auxiliar no levantamento de aspectos que possibilitassem a partir das respostas dos participantes o enriquecimento das informações sobre o Programa Alfa e Beto.

Por utilizar o método tradicional, por ter finalizado em algumas cidades, existir críticas e muitos estudiosos como as professoras e doutoras Torres e Jesus (2009), ter criticado o programa em seu livro “Políticas Públicas de Educação para as Séries Iniciais” e alguns professores apoiarem este programa de alfabetização, foi questionado às professoras sobre a escolha das docentes trabalharem com o programa, as respostas foram as seguintes:

P1 “Não, por estar trabalhando em uma escola estadual que aderiu em 2009 a essa programa não tive como recusar”.

P2 “Não tive alternativa”

Nota-se, nas falas das professoras, que, mesmo que não querendo trabalhar com o programa de alfabetização “Alfa e Beto”, elas foram obrigadas, pois, caso se opusessem, teriam que se afastar do cargo porque naquele momento a única alternativa era ensinar de acordo com o programa.

O processo de alfabetização tem sido um amplo desafio a ser enfrentado pelo alfabetizador e pela sociedade que espera uma educação de qualidade em nossas instituições de ensino, porque há uma grande quantidade de alunos com deficiência na leitura e na escrita. Alfabetização é um processo dinâmico pelo qual os alunos aprendem em um processo contínuo de ensino, a ler e escrever. Se não tornar a leitura e a escrita significativa e atraente

desde as fases iniciais da alfabetização, o fracasso escolar nos anos iniciais continuará. Por esta razão, pergunta-se às professoras qual a compreensão delas sobre o processo de alfabetização.

P1 “Compreendo como o processo de ensino da leitura e da escrita, para os alunos que adentraram na escola, podendo iniciar na educação infantil e finalizando se possível no 1º ano do ensino fundamental”.

P2 “Compreendo como sendo parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. E é importante que aconteça na idade certa”.

As professoras têm a ciência de que é importante o processo de alfabetização, que é necessário que os alunos aprendam a ler e escrever na idade certa.

Quando se trata do que é mais importante no processo de alfabetização, as professoras responderam:

P1 “Que o aluno aprenda a ler e escrever de forma espontânea, com prazer, interagindo um com o outro, sendo o professor apenas um mediador desse aprendizado”.

P2 “É importante que o aluno aprenda a ler e a escrever para que possa ter maior autonomia e seja incluído na era da informação”.

A importância no processo de alfabetização, segundo as professoras P1 e P2, é que o aluno tenha autonomia em escolher o que aprender e como aprender, que escreva textos espontâneos, que a leitura tem de ser uma situação prazerosa, havendo interação entre todos os envolvidos nessa aprendizagem, para que seja incluído na sociedade de forma eficiente.

Compreende-se que alfabetizar significa orientar o aluno para que aprenda a ler e escrever levando a conviver com práticas reais de leitura e escrita, substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas, como os minilivros, por livros, revistas, jornais, encartes, enfim, pelo material de leitura que circula dentro e fora da escola, criando situações em que a criança produza os seus próprios textos.

O professor tem a função de mediar o conhecimento, através do processo da construção da escrita e da leitura dos alunos, levando em consideração referências teóricas e metodologias que despertem no aluno, o interesse em aprender com entusiasmo e não por

obrigação, refletindo sobre sua atuação, de modo a relacionar e construir conhecimento para si.

Para alfabetizar os alunos do 1º ano, o programa Alfa e Beto utilizava o método metafônico e possuía algumas normas que precisavam ser cumpridas. Questionaram-se as professoras se elas gostavam do método.

P1 Não, porque é um programa que não dá nenhuma liberdade para o professor quanto para o aluno. Você é orientado a seguir todos os planejamentos que já vem pronto da Dr2, e independente se o aluno aprendeu ou não, temos que seguir adiante nos conteúdos. O programa não deixa que trabalhem com nossas experiências e práticas pedagógicas.

P2 “Tive pouco contato com o projeto, mas não gostava muito, pois as aulas diárias já vinham prontas, dando pouca (ou nenhuma) liberdade para alterar o planejamento de acordo com o aprendizado dos alunos”.

Como se pode evidenciar nas falas das professoras, elas não gostavam do programa pelo fato de não terem autonomia em planejar, executar seus planejamentos diários e avaliar seus alunos, segundo seus critérios. A organização do trabalho pedagógico foi comprometida. São apenas executores das atividades estabelecidas por um manual, que dirige e controla sua ação, fato também analisado por Torres e Jesus (2008, p.49).

Por ser um programa que planejava todos os passos das aulas diárias, e que utilizavam apenas um método, foi perguntado se elas utilizavam outras metodologias.

P1 Era difícil introduzir outra metodologia porque tínhamos que realizar o plano de aula proposto pelo programa diariamente e a gestora como as supervisoras verificavam se estávamos seguindo este plano ou não. A única oportunidade que tínhamos de utilizar de nossa metodologia de ensino era quando trabalhávamos com os projetos como a semana da criança, folclore entre outros, aí sim fazíamos algo diferenciado.

P2 “Tentei introduzir outra metodologia, mas foi um pouco complicado, pois já peguei o projeto na reta final e havia a preocupação de concluir o cronograma do projeto que era sempre monitorado”.

Sabe-se o quanto é importante criar novas metodologias de ensino no processo de alfabetização. Deve-se fazer planejamento, o diagnóstico da turma, porque cada aluno tem seu tempo de aprendizagem e seguindo adiante os conteúdos sem a turma tem conseguido alcançar o objetivo proposto, irá prejudicá-los e desmotivá-los, fazendo, muitas das vezes, com

que o aluno perca o entusiasmo em aprender. Sendo assim, eles serão ceifados da sociedade alfabetizada e letrada.

O que se critica é a efetivação de um plano escolar organizado, independentemente da participação dos professores, que desconsideram sua experiência, seus conhecimentos e sua formação.

O monitoramento que avaliava a professora constantemente, se seguia o plano de aula à risca, se estava conseguindo alfabetizar os alunos, deixavam as professoras constrangidas, incomodadas e nervosas porque na visita destas monitoras, as professoras eram avaliadas o tempo todo, e, no final de cada visita, faziam um relatório avaliando o desempenho em realizar as atividades planejadas.

Os professores precisam ser facilitadores das práticas pedagógicas, trabalhando com novas práticas e de maneira ampla, para enxergar o aluno como um ser formado de inteligência e emoção, se sentiria parte desse processo e não meramente um aplicador de um método.

Quanto à contribuição do Programa para o processo da leitura e da escrita, as professoras afirmaram que:

P1 Em alguns momentos sim. Quando trabalhamos com o saquinho de letras em EVA, o aluno nesse momento vai formando pequenas palavrinhas e nos projetos utilizamos de outros gêneros textuais, como a cantigas de roda, parlenda, receitas entre outros. O que eu não gosto é dos minilivros com aqueles textos sem sentido e chatos, muitos alunos detestam quando utilizamos dele para leitura, é um momento muito difícil para mim. O programa teria que rever algumas situações juntos com os professores e ver aonde poderia melhorar para que os alunos pudessem aprender a ler e escrever.

P2 *“Não conheço afundo o programa, mas acredito que quando ensinamos aos nossos alunos com responsabilidade, capacidade e amor, toda forma de aprendizagem é favorável ao aluno no processo de leitura e escrita”.*

O programa Alfa e Beto, por não dar liberdade ao professor e aluno não favorecia para que o professor, com sua experiência e teorias, buscasse um método de ensino que atendesse às necessidades básicas dos alunos.

O processo da leitura no programa Alfa e Beto com os minilivros não contribui para que o aluno seja um cidadão crítico e reflexivo, porque os textos contidos nestes minilivros são pseudotextos, com baixo índice de coerência e coesão.

A leitura desses minilivros era, exclusivamente, a decodificação, trabalhar com uma determinada família silábica, não importando se o texto teria sentido ou não, evidenciando a separação entre a ação de alfabetizar e letrar, uma vez que, nesse material didático, as crianças eram solicitadas a ler “[...] textos surrealmente artificiais e limitados, contribuindo para a deformação das competências envolvidas na leitura e na produção de textos” (MORAIS, 2006, p. 11).

Para trabalhar com materiais de apoio como os saquinhos de letras em Eva e projetos de datas comemorativas, reciclagens, entre outros, não precisa criar um programa de alfabetização com altos custos financeiros, que ceifa a autonomia de gestores, professores e alunos, o professor com os materiais que vêm para escola ou são comprados com PDDE podem confeccionar esses saquinhos de letras e ter liberdade de planejar e criar suas aulas.

Um trabalho de leitura precisa trazer como foco textos de qualidade e que proporcionem ocasiões de o aluno interagir com eles. Deve apresentar variedades de textos, ou seja, diversidade de gêneros e textos que rodeiem diversos ambientes e esferas sociais. Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que a criança é introduzida no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar e ler quando, de alguma forma, a qualidade de sua vida melhora com a leitura (PCN, p.36).

Por ter os alunos regredidos na última avaliação, questionou-se este fato à professora P1, sobre como ela explicaria esse declínio.

P1 Primeiro a falta de tempo de concretizar todas as atividades sugeridas diariamente pelo programa, e essa falta impossibilita a atenção que ela necessita dar aos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, porque exige um trabalho mais individualizado, criando uma metodologia que atenda a dificuldade de cada um. Pelo professor não ter autonomia, o rendimento do aluno acaba sendo prejudicado, aprendendo apenas a memorizar algumas palavras simples.

Pelo programa Alfa e Beto ter algumas regras a serem obedecidas e as professoras, na maioria das vezes, não terem tempo de criar novas metodologias e serem impedidas de criá-las, os alunos que não conseguem aprender aquela lição terão que ir ao assunto posterior que terá um maior grau de dificuldade e, por fim, acabará sendo prejudicado e o resultado nas avaliações será o que foi colhido na coleta de dados para este trabalho.

Esses métodos ultrapassados não despertam nos alunos a magia, o prazer e o encantamento pelo que ainda não foi descoberto.

Assim sendo, constituir uma relação entre ler e escrever, decodificar e codificar, seja por intermédio de cantigas, parlendas, textos, embalagem, revistas, jornais, ou seja, subsídios

que permeiam o mundo desse aluno, beneficiará seu processo de construção da escrita e da leitura. E quando sentir dificuldade na aprendizagem, ter um professor que possa, junto a ele, encontrar um tempo e uma metodologia que contribua para avançar no processo de alfabetização.

A fala da professora P1 mostra que o Programa não cumpre a sua função, porque a sua própria organização não possibilita a atenção necessária dos que estão com dificuldades no processo de leitura e escrita, algo que poderá ter como consequência o aumento da defasagem idade-série.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização foi e ainda continua sendo o objeto principal das atenções dos que se preocupam com a educação dos alunos do 1º ano do ensino fundamental, por isso, se tornou alvo de estudos e pesquisas exatamente para transformar o perfil da sociedade que tem um grande número de analfabetos. Iniciou-se a pesquisa analisando mais um programa do governo, “Programa Alfa e Beto”, implantado nas escolas estaduais de Sergipe em 2008, destinado a reorganizar o fluxo escolar das escolas públicas estaduais e diminuir o número de defasagem idade-série. Em seguida, tomaram-se como base teórica alguns autores que têm como linha de pesquisa o processo da leitura e escrita e, por fim, valeram-se de entrevistas, documentos oficiais, atividades e observações.

No fim da pesquisa, identificou-se que este programa de alfabetização “Alfa e Beto” não aumentou o nível de aprendizagem dos alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Quanto ao processo de leitura e escrita, a taxa de defasagem idade-série, fluxo escolar diminuiu. Já a taxa de aprovação aumentou, mas isso não aconteceu por causa da eficiência do programa e sim, por conta da criação da Portaria GS Nº 7.339/2011, em consonância com a Resolução CNE/CEB Nº. 07 de 14/12/2010, que assegurava que os alunos do primeiro ano não reprovavam, passando para série posterior, alfabetizado, ou não.

O método utilizado pelo Programa “Alfa e Beto” é o sintético metafônico, o material analisado expõe, negativamente, o papel social da leitura e da escrita, pois ele está voltado ao exercício da decodificação de signos e não à compreensão, expressão e reflexão, tão necessária na alfabetização.

A implantação de programas educacionais como esse só faz refletir que a maior preocupação é a quantidade e não a qualidade na educação. Aprender a decodificar e ler textos sem sentidos não tornará o aluno um cidadão participativo e crítico na sociedade. A função primordial da alfabetização é apresentar ao aluno texto que ele compreenda, reflita e opine sobre o que está lendo.

Nas entrevistas realizadas com as professoras, notou-se como é difícil para elas trabalhar com o programa Alfa e Beto. Primeiro, pela falta de liberdade em planejar e executar suas aulas, ficando engessada em um sistema que visa apenas à quantidade, não a qualidade educacional. Os materiais didáticos não contribuem para o êxito da alfabetização e

sim para mecanizar e alienar os alunos com seus minilivros com textos sem sentidos, que têm como principal objetivo trabalhar famílias silábicas.

A metodologia de ensino é tradicionalista, com aulas expositivas, exercícios mecanizados e leituras com os minilivros com texto sem coerência e coesão. Deve ter sido por esse fator que os alunos não obtiveram êxito nas suas avaliações. Houve uma regressão gigantesca no desenvolvimento do aprendizado da maioria dos alunos, e mesmo sem estarem aptos a seguir adiante na sua formação, foram aprovados para o segundo ano, cujo trabalho repetitivo também continua. Isso mostra que o programa Alfa e Beto com seu método de alfabetização não foi eficiente no processo da leitura e escrita.

Na atividade realizada durante a pesquisa de campo em 2013 com esses alunos, observamos que uma aluna progrediu, não pelo programa Alfa e Beto, mas já no programa alfabetização na idade certa, onde também começou a frequentar aulas de reforço. Os demais alunos que foram avaliados continuam no mesmo nível de aprendizado, e dois deles sentem muitas dificuldades de acompanhar os conteúdos programáticos do segundo ano.

Isso faz refletir se vale a pena aprovar os alunos mesmo não atingindo o objetivo principal que é saber ler e escrever para apenas ter nos seus indicadores educacionais a taxa de 100% em aprovação, quando, na realidade, não chega a 50%, isso se tomar como base os resultados das avaliações.

Por isso, para atingir sucesso na alfabetização, o fator primordial é a atuação do professor junto ao seu aluno. A experiência, a práxis e a sensibilidade do professor estão acima de quaisquer “pacotes educacionais” preestabelecidos pelo governo. O professor é o único que tem condições de avaliar o aluno diariamente em relação ao seu desenvolvimento social, linguístico, matemático. A alfabetização se prolonga nos anos seguintes e, por isso, tem de ser pensado e trabalhado diariamente.

Segundo Passos (1995), quanto mais consciente for o alfabetizador em relação “à realidade que envolve o seu trabalho, tanto mais se sentirá livre para selecionar os métodos, as técnicas e os instrumentos mais adequados, assim como para determinar o ritmo que convém a sua turma” (PASSOS, 1995, p.34).

O educador, nas práticas de alfabetização, não deve ser visto somente como sendo um aplicador de pacotes educacionais prontos do governo, como o “Alfa e Beto”. Ser mediador desse processo é encontrar-se entre os conhecimentos e o principiante, estabelecendo sempre um meio de comunicação entre ambos.

Mas, para isso, é preciso que o professor esteja consciente de que:

[...] ensinar já não significa transferir pacotes sucateados, nem mesmo significa meramente repassar o saber. Seu conteúdo correto é motivar o processo emancipatório com base em saber crítico, criativo, atualizado, competente. Trata-se, não de cercear, temer, controlar a competência de quem aprende, mas de abri-lhe a chance na dimensão maior possível. Não interessa o discípulo, mas o novo mestre. Entre o professor e o aluno não se estabelece apenas hierarquização verticalizada, que divide papéis pela forma do autoritarismo, mas, sobretudo confronto dialético. Este se alimenta da realidade histórica formada por entidades concretas que se relacionam de modo autônomo, como sujeitos sociais plenos (DEMO, 1993 p. 153).

O professor tem como alfabetizar as crianças na escrita e na leitura de várias maneiras, basta que ele crie um ambiente alfabetizador em sala de aula e trabalhe as variedades de textos, como: rótulos, receitas, músicas, notícias, cartas, bilhetes, parlendas e outros, fazendo com que o aluno saiba diferenciá-los e fazê-los com que entendam a função social de cada um destes gêneros textuais.

Para alfabetizar letrando, é necessário que o professor, nas suas práticas pedagógicas, conduza os seus alunos a não apenas codificarem o código da escrita, mas que a exerçam nas diversas situações sociais que lhe são demandadas. Freire (1991) diz que “não basta simplesmente dominar a escrita, é preciso considerar as possíveis consequências políticas da inserção do aprendiz no mundo da escrita”. Deste modo, o que se recomenda ao alfabetizar, é que o aluno, além de dominar o processo da leitura, seja capaz de usá-la como ferramenta nas suas práticas pessoais e sociais.

Mas o programa “Alfa e Beto”, com seu método mecanizado, que adentra, e propõe exercícios de cópias incansáveis, ceifa a autonomia dos professores e rejeita o aluno como um extraordinário construtor do seu conhecimento, está distante de alcançar uma alfabetização de qualidade.

O professor deve permitir que os alunos escolham os livros que querem ler, individual ou coletivamente, e os que o professor lerá para todos e, após a leitura, dialogar sobre o que foi lido, fazendo uma socialização. Se não tornar a leitura significativa e fascinante desde as fases da alfabetização, o fracasso escolar continuará a existir.

O educador tem que valorizar o que o aluno já sabe, antes mesmo de adentrar na escola, porque ele já teve contato com a língua materna, cabendo a ele partir da realidade de cada aluno, para através desta realidade desenvolver sua leitura e escrita. É necessário que considere os conhecimentos prévios do aluno durante o processo de sua alfabetização.

É muito comum estar tão centrado nas exigências da matéria, da escola, do próprio processo de compreensão, que se esquece dos alunos ou pensa neles de forma genética, como uma categoria, e não como pessoas concretas, com desejos, aspirações, dificuldades, capacidades.

Tem-se que reconhecer que esse aluno é o sujeito de sua aprendizagem, quem realiza a ação, e não alguém que sofre ou recebe uma ação. O professor será o mediador que vai facilitar e criar condições a ação de o aluno aprender através da interação entre sujeito e o meio circundante, natural e social.

Os alunos aprendem a todo o momento, instigados pelos elos sociais ou por fatores naturais, instruir-se por precisões, interesses, ambição, enfrentamento, coerção. Além disso, relaciona-se com outras pessoas, buscando os próprios sentimentos, valores, formas de conduta e informações, constantemente e ao longo de toda a vida.

Na escola há uma mera preocupação com a sequência, mas não com a relevância do conteúdo que os professores vão ensinar, em regra, segue-se o que está sugerido no livro didático e nas propostas curriculares, ainda que eles não signifiquem convenientes para o aluno e não aguce sua curiosidade em aprendê-los.

É necessário que, no processo da leitura, o professor permita ao aluno a concepção do seu processo de alfabetização, a partir de leituras de textos significativos, para que o aluno tenha entusiasmo em ser leitor e construtor participante de seu conhecimento.

No entanto, todos os envolvidos são conhecedores que esse processo não é uma escolha intencional e não é única responsabilidade do professor. Esta pesquisa mostrou o conteúdo e a organização do trabalho de alfabetização proposto por uma Política Pública no Estado de Sergipe que prioriza a própria privatização dos processos educacionais, ceifa a liberdade de professores e alunos.

Acredita-se que, com a pesquisa e a análise efetivada nessa monografia, que englobam concepções acerca da construção da leitura e da escrita, possa possibilitar ao professor, conhecer mais elementos para se posicionar quanto às discussões metodológicas, e envolver-se nas mudanças sucedidas no processo de alfabetização e refletir sobre sua prática enquanto alfabetizador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Veridiana. **Alfabetização: fundamentos, processos e métodos**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Cartilhas, para quê?** Cuiabá, editora UFMT, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BRAGGIO, S. L. B. M. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista sociopsicolinguística**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394/96**. Brasília, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: artes**. Brasília: MEC/ SEF: 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. Scipione. São Paulo. 1998.

_____. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Ed. Scipione, 2009.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. MACIEL, Francisca Izabel Pereira. MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo horizonte, Autentica Editora: Ceale, 2009.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: artes médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. Livraria Martins Fontes. Ed.Ltda, São Paulo, 1991.

INSTITUTO ALFA E BETO. Disponível em: <<http://www.alfaebeto.org.br>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

KLEIMAN, Ângela. A concepção escolar da leitura. In: **Oficina de leitura**. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ed. Ática, 2004.

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Gedh, 2010.

MACEDO, J. D. **A cartilha e a produção de textos**. In: Revista Educação em Mato Grosso, nº 30, Cuiabá, 1985.

MACIEL, F. I. P., LÚCIO, I. S. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. IN: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P. MARTINS, R. M. F. 2008. Alfabetização e letramento na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica / CEALE.

MARTINS, Evandro Silva. **A etimologia de alguns vocábulos referentes à educação**. Uberlândia, ano VI, n. 6, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/viewFile/3475/2558>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORAIS, A. G. 2006. **Concepções e metodologias de alfabetização**: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos? Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a04v2052.pdf. Acessado em 15/05/2013.

MOURA, Maria Lúcia. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. Programa Alfa e Beto – Livro 3 Todas as Letras. 5ª ed. Minas Gerais: Alfa Educativa, 2007.

_____. **Programa Alfa e Beto: ABC do Alfabetizador**. Brasília. Produção editorial: Instituto Alfa e Beto. 2008

PASSOS, C. L. B. (1995). **As representações matemáticas dos alunos do curso de magistério e suas possíveis transformações**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PERFETTI, C. A.; ROTH, S. Alguns dos processos interativos na leitura e seu papel na habilidade de leitura. Editora: Processos interativos em leitura. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 1981.

Reportagem do RJTV 2ª edição: **Livro de Alfabetização Polêmico** - Cartilha de alfabetização da rede pública possui brincadeiras que mexem com a autoestima dos alunos. 16 de maio de 2007. Disponível em: <<http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL135494-9099,00LIVRO+DE+ALFABETIZACAO+POLEMICO.html>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Utilização da Música no Processo de Alfabetização, faculdade são Roque, Revista Eletrônica Saberes da **Educação** – Volume 3 – nº 1 – 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Jaqueline Almeida. **Os processos de leitura e escrita na construção do sentido**. Revista Anápolis digital, 2011.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Arte Médica, Porto Alegre, 1999.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 1993.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

SOARES, Magda Becker. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

SOUSA, Lúcia Beatriz de. **O desenvolvimento da leitura e da escrita nas series iniciais do ensino fundamental**. 2013. Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/monografia-desenvolvimento-leitura-escrita-series-iniciais-ensino-fundamental/>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

SOUZA, José Marcos Rosendo de. **O processo de leitura e escrita**: um estudo comparativo entre Kleiman e Matêncio. 2010. Disponível em: <<http://www.meuartigobrasilecola.com>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

TASCA M. e POERSCH, J. M. (org.) **Suportes Linguísticos para a Alfabetização**. Porto alegre, Saga, 1986.

TORRES, Lianna de Melo. AZEVEDO, Sônia Meire Santos. **Política Pública de educação para series iniciais**: estudo sobre os programas Alfa e Beto. Se Liga e Acelera nas escolas publicas da rede estadual de Sergipe. Aracaju. Síntese, 2008.

Todos Pela Educação - Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jeferson L. Camargo. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

Imagens:

Imagem 1: História em quadrinhos: Pedrinho Chiquita em: O dia das Mães. Disponível em: <www.soatividades.com/historia-em-quadrinhos-para-o-dia-das-maes>. Acesso em: jul. 2013.

APÊNDICE

Entrevista

- 1) Foi escolha de a professora trabalhar com o programa Alfa e Beto?
- 2) Como você compreende o processo de alfabetização?
- 3) O que é importante no processo de alfabetização?
- 4) Você gostava do Programa Alfa e Beto?
- 5) Você utilizava de outras metodologias ou só seguia as propostas pelo Programa Alfa e Beto?
- 6) Como você vê o programa e se ele contribui para o processo da leitura e da escrita?
- 7) Como explica o declínio na aprendizagem dos alunos?

ANEXOS

Art. 4 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

II - universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009);

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

a) pré-escola; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

b) ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013);

IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013);

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII - atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

VIII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013);

IX - padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

X - vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade. (Incluído pela Lei nº 11.700, de 2008).

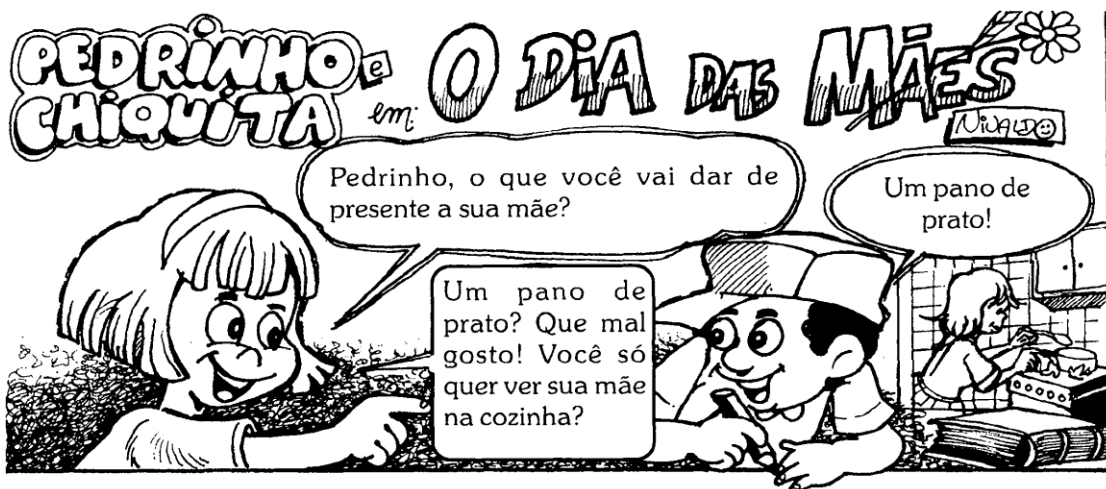
Portaria GS Nº 7.339/2011, no âmbito da Rede Pública Estadual de Ensino.

A Secretaria de Estado da Educação, buscando garantir condições para que as crianças tenham um tempo mais longo para as aprendizagens de alfabetização e letramento, objetivando dessa forma a melhoria da qualidade do Ensino Fundamental, e em consonância com a Resolução CNE/CEB Nº. 07 de 14/12/2010, implantou, a partir de janeiro de 2012, do Bloco de Alfabetização e Letramento, instituída através da Portaria GS Nº 7.339/2011, no âmbito da Rede Pública Estadual de Ensino.

OBJETIVOS:

- ☐ Assegurar a continuidade do processo de aprendizagem dos alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental;
- ☐ Adotar procedimentos inovadores com foco no sucesso da aprendizagem dos alunos e sua permanência na escola;
- ☐ Romper com a cultura de reprovação nos 03 (três) primeiros anos do Ensino Fundamental;
- ☐ Flexibilizar a organização dos tempos e espaços escolar, privilegiando a aprendizagem contínua do aluno;
- ☐ Reorganizar o trabalho pedagógico visando Assegurar situações favoráveis de aprendizagem;
- ☐ Oportunizar aos professores mais tempo para adotar estratégias de superação das dificuldades dos alunos, sem que implique na sua reprovação;
- ☐ Promover a correção de possíveis distorções no processo de aprendizagem, evitando o mecanismo de exclusão dos alunos que enfrentam dificuldades para realizarem suas aprendizagens no ritmo previsto pela escola;
- ☐ Garantir que toda criança esteja alfabetizada entre os 6 e os 8 anos de idade.

Atividade de leitura



Não. Mas todo ano a professora sugere um pano de prato! Eu bem que gostaria de dar uma jóia, um carro, uma viagem ao Caribe...

Pois eu vou dar uma bolsinha porta-trecos. Acho mais criativo! Minha mãe detesta ganhar pano de prato!



Já estou ficando sem graça Chiquita. A mamãe sempre gostou de ganhar panelas, copos, pano de prato. Ou será que ela não tem é coragem de reclamar?

Pergunte a ela o que ela gostaria de ganhar.



Mamãe, se você pudesse escolher um presente no dia das mães, o que você escolheria?

Um pano de prato novo! Acabei de queimar aquele que você me deu ano passado. Por quê?

Nada, não.



Viu, Pedrinho sua mãe anda cansada e abnegada; acho que ela pensa que o destino dela será sempre os afazeres domésticos.

É, Chiquita. Vou passar a colaborar mais nos trabalhos domésticos. Quem sabe assim a mamãe resolve voltar a estudar ...



Algum tempo depois...



Que bom pessoal! Todos resolveram ajudar nos afazeres domésticos. Agora está sobrando um tempinho. Estou pensando até em pintar uns panos de prato para vender. Acho que vai dar um "troquinho" para ajudar nas despesas.



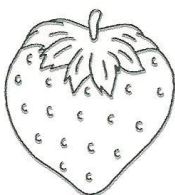
Atividade de escrita

1) Escreva seu nome completo:

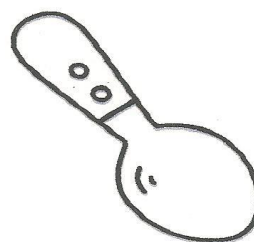
2) Escreva 4 nomes de animais que você conhece:

3) Escreva 4 nomes de pessoas que você conhece:

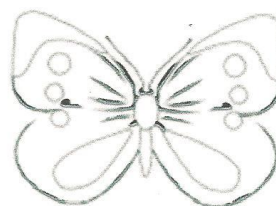
4) Escreva o nome das figuras abaixo:



www.dibuihospaolozzi.com.br







Teste 4 do programa “Alfa e Beto”.



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

Livro texto: “O circo”.

I. DECODIFICAÇÃO

1. LER PALAVRAS DE VERDADE

- Cubra as palavras abaixo com um papel grosso.
 - Diga ao aluno:
 - Eu vou mostrando cada linha, e você vai ler as palavras, assim, da esquerda para a direita (mostrar com o dedo).
 - Vá descobrindo uma linha de cada vez.
 - Ler corretamente significa ler a palavra decodificando ou, se o aluno já souber, ler de forma automática.
 - Considere autocorreção como acerto, isto é: considere correto se o aluno corrigir na hora.
 - Depois de 5 erros ou muita dificuldade, encerre o exercício e vá para o outro item.
- Anote o número de palavras que o aluno acertar.

Palavras de verdade:

CAI	VAI	IA	UI	OI
CASA	QUEIJO	KELY	LINHA	BICHO
PILHA	CALA	TRILHA	QUILO	XUXA
KÁTIA	LANCHE	CARO	FILHA	QUERIDO
CAIXA	QUADRO	CASCO	CARRO	CACHORRO
PRANCHA	ARANHA	KARO	QUERO	CAMBALHOTA
CHAVE	FARINHA	PEIXE	PALHA	QUILÔMETRO



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

2. LER PALAVRAS MALUCAS

- Cubra as palavras abaixo com um papel grosso.
 - Diga ao aluno:
 - **Eu vou mostrando cada linha, e você vai ler as palavras, assim, da esquerda para a direita (mostrar com o dedo).**
 - Vá descobrindo uma linha de cada vez.
 - Ler corretamente significa ler a palavra decodificando ou, se o aluno já souber, ler de forma automática.
 - Considere autocorreção como acerto, isto é: considere correto se o aluno corrigir na hora.
 - Depois de 5 erros ou muita dificuldade, encerre o exercício e vá para o outro item.
- Anote o número de palavras que o aluno acertar.

ALU	UA	EA	PEA	IPA
XERU	QUERRU	KARI	BRAU	ULHO
RENHA	XATRO	SOLHO	QUANTE	VILHA
CEVRO	FORONHA	IMPOLHO	MENHA	LENTA
ANCHE	XAUFO	PRODO	TIQUILO	SONZA
KAKO	BRINHO	ZILHO	FLIXE	QUECHUCO



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

Aplicador: ANTES DE FAZER O TESTE DE FLUÊNCIA EM LEITURA (ITENS 3 A 6), VÁ PARA O ITEM 7 E FAÇA A PERGUNTA DE PREDIÇÃO.

II. FLUÊNCIA EM LEITURA

ITENS 3 A 6

- Tenha à mão um relógio que marque os minutos e o livro **O CIRCO**.
- Entregue o texto para o aluno e diga:
 - Esta história se chama **O CIRCO**. Ela foi escrita por Maria Rosália, Gilma, Larissa e Mirtes.
 - Você vai ler esta história em voz alta. Se você não entender alguma palavra, tente ler assim mesmo.
- Abra o livro na página 1 e, na hora em que o ponteiro estiver no **ZERO**, diga ao aluno: **Pode começar.**

DURANTE A LEITURA:

- Se o aluno estiver lendo de forma adequada, sem cometer muitos erros, deixe-o ler até seu relógio completar 1 minuto.
- Conte o número de erros cometidos, enquanto o aluno estiver lendo.
- Se o aluno tiver muita dificuldade para ler e fizer mais de 3 erros numa página, diga: **Muito bem, pode parar.**

▪ Anote os resultados correspondentes aos itens seguintes na Folha de Resultado.

- Depois de registrar nos itens 3 a 6, vá para o item 8.

3. ERROS: NÚMERO TOTAL DE PALAVRAS LIDAS COM ERRO.

- Errar consiste em ler a palavra errada, ler gaguejando, silabando, saltar palavras, adivinhar o sentido usando outra palavra.
- Se um aluno ler uma palavra errada e voltar na mesma hora e corrigir, não conte como erro.
- Se o aluno ler decodificando, considere como acerto.



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

3. ERROS: NÚMERO TOTAL DE PALAVRAS LIDAS COM ERRO.

- Anote **1** se o aluno errar 6 palavras ou menos.
- Anote **0** se o aluno errar 7 palavras ou mais.

4. TEMPO

- Anote **1** se o aluno ler pelo menos até o final da página 4 no tempo marcado.

5. RITMO

- Anote **1** se o aluno ler sem parar ou soletrar, mesmo que leia lentamente.
- Anote **0** se o aluno não ler ou ler soletrando ou sem ritmo.

6. ENTONAÇÃO

- Anote **1** se o aluno ler de forma que revele que está acompanhando e compreendendo o sentido do que está lendo.
- Anote **0** se o aluno ler de maneira meramente mecânica, ainda que fluente, mas sem demonstrar compreensão.

III. COMPREENSÃO E EXPRESSÃO ORAL

7. PERGUNTA DE PREDIÇÃO

- Mostre para o aluno a capa do livro e diga:
 - Observe a capa deste livro. O livro se chama “O circo”.
O que você acha que tem dentro do circo?
- Se o aluno não responder nada, pergunte:
 - Você acha que tem palhaço no circo? Por quê?

- Anote **1** se o aluno fizer uma predição fundamentada ou responder: Sim, tem palhaço, porque todo circo tem palhaço.
- Anote **0** se o aluno não fizer a predição ou se não fundamentar.

Aplicador: Volte para o item II e faça o teste de Fluência em leitura (itens 3 a 6) ANTES de fazer a pergunta do item 8.



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

8. VERIFICANDO A PREDIÇÃO

- Diga ao aluno:
 - **Agora você vai ler a história sozinho, em voz baixa.**
 - O aluno deve fazer isso no máximo em 2 minutos.
 - Se o aluno não souber ler ou não conseguir ler a história em dois minutos, leia a história para ele. Depois diga:
 - **Você disse que... (repetir o que ele respondeu na pergunta de predição).**
 - **Mostre onde isso acontece na história. Leia a frase onde isso acontece.**
- Anote 1 se o aluno identificar a predição correta no texto da página 2.
 - Anote 0 se o aluno não responder nada, disser que não sabe ou responder errado.

9. PERGUNTA LITERAL

- Pergunte:
 - **O que o palhaço Pixote gosta de fazer?**
- Anote 1 se o aluno responder: Que o palhaço Pixote gosta de dar cambalhotas, gargalhadas e trabalhar no circo.
 - Anote 0 se o aluno não responder ou responder errado.

10. PERGUNTA QUE REQUER REFLEXÃO CRÍTICA

- Releia o texto da página 8 e pergunte:
 - **Você acha correto apelidar alguém? Por quê?**
- Anote 1 se o aluno responder algo como: “Não, porque é errado inventar apelidos para as pessoas” ou “Devemos respeitar as pessoas e sempre chamá-las pelo nome”.
 - Anote 0 se o aluno não responder nada, disser que não sabe ou der uma resposta sem sentido.



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

11. PRINCÍPIO/MEIO/FIM

- Anote 1 se o aluno responder corretamente.
- Anote 0 se o aluno não responder ou responder errado.

➤ Teste

Aplicador pergunta:	Aluno deve:
Agora você vai me dizer o que aconteceu no início, no meio e no fim da história.	O aluno deve identificar o princípio, meio e fim da história, usando palavras como: primeiro (ou no começo) aconteceu isso; no meio aconteceu isso; e no final aconteceu aquilo e acabou assim.

12. RECONTANDO A HISTÓRIA

- Diga ao aluno:
 - **Agora você vai me contar essa história. Diga tudo que você lembrar.**
- Depois que o aluno falar, o aplicador faz 2 ou 3 perguntas, se necessário, para saber se o aluno realmente entendeu a história.
- Enquanto o aluno fala, não dê pistas ou informações sobre o texto. Se não ficar claro, peça para o aluno elaborar a sua resposta ou explicar melhor.

- Anote 0 se o aluno não responder ou demonstrar pouca compreensão, vocabulário e sintaxe pobres, frases incompletas.
- Anote 1 se o aluno demonstrar compreensão básica, vocabulário e sintaxe regulares e se precisar de alguma ajuda.
- Anote 2 se o aluno demonstrar compreensão boa, sem ajuda, sintaxe e vocabulário corretos.



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO

TESTE 4

IV. VERIFICANDO ORTOGRAFIA

13. ESCRITA DE PALAVRAS

- Aplicador: Entregue lápis, borracha e uma folha pautada em branco ao aluno.
- Agora diga:
 - Os palhaços usam roupas bem coloridas. Eu vou falar algumas roupas que os palhaços usam e suas cores. Escreva essas palavras como você souber.
- Aplicador: Fale as palavras pausadamente.
 - luva, laço, meia, rosa, amarelo, vermelho, preto, laranja.

▪ Anote 1 se o aluno escrever de 4/6 palavras com ortografia correta.

14. ESCRITA DE FRASE

- Diga ao aluno:
 - Observe a ilustração e escreva uma frase sobre ela.



▪ Anote 1 se o aluno escrever a frase com espaçamento entre as palavras e sem erros ortográficos, contudo, não observando o uso de inicial maiúscula e/ou pontuação.